

*Para os filhos*

*dos filhos*

*dos nossos filhos*

## Índice

<i>Tempus fugit</i>	3
Para os filhos dos filhos dos nossos filhos	5
O padre, o poeta e a professora de francês	7
A caixinha dos segredos	9
Bem pelo contrário!...	12
A divisão das orações	14
O Senhor Carlos	16
O pai do Watson	18
Educar na cidadania	20
Redundâncias	23
<i>La porte-plume redevient oiseau</i>	26
Mais uma história da Ana	28
Entre dois fogos	30
<i>Perfilados de medo</i>	32
<i>Gracias a la vida</i>	34
<i>In illo tempore</i>	36
Olhares e modos de ver	38
Herrar é humano	40
Tudo era possível	43
Conversões e resiliências	46
Diotima	49
Fronteiras e oportunidades	51
Reencontros	54

## *Tempus fugit*

Na noite de passagem de ano, o Marcos desfolhava livros como quem lia. Melhor dizendo, o Marcos lia. E balbuciava uns sons só aparentemente desconexos. Eu, que estou longe de ser um entendido na palavra pura, que ainda confundo uma arenga babélica com a fala transparente, não conseguia traduzir o seu balbuciar. Este avô, ainda que empenhado no desaprender do palavrear adulto, deturpa o verbo virginal, confundindo-o com o lingüarejar de adultos tagarelas.

Subitamente, o meu neto suspendeu a leitura e fixou o olhar num ponto qualquer, como quem depara com o Aleph. Fiquei a observá-lo, discretamente, para não interromper a absorvente contemplação. Segui a direcção do seu olhar. Fixava-se num dos gestos rituais de passagem de ano, protagonizado por um tio que engolia uvas passas com um semblante demasiado concentrado para quem apenas está ingerindo alimento.

Não suspeitava o Marcos, mas estava sendo sujeito a aculturação, ao contemplar um adulto comendo uvas raquíticas e formulando desejos para um ano que começava, e no qual iria repetir os mesmos erros que desejou não cometer no último dos dias do ano anterior. Os adultos são mesmo assim. Não tem remédio. Vivem viciados no futuro.

Por falar em futuro... Apesar da tenra idade do meu neto, já houve quem lhe dirigisse a pergunta sacramental: *o que queres ser, meu menino, quando fores grande?* O Marcos, que há-de ser autor de si, não respondeu, perguntou: o que é que eu quero que seja o que eu quero ser? E não foi por acaso que assim agiu. Ele sabia que já tinham perguntado o mesmo à mana Alice:

*O que pensas ser, quando fores grande., minha menina?*

*Eu quero ser veterinária, minha senhora!*

*Então, vais ter de ir à escola, vais ter de estudar muito, minha menina.*

*E para que tenho eu de andar na escola, minha senhora?* – quis saber a Alice.

*Porque é assim, minha menina. Os pequenos vão para a escola, os grandes vão trabalhar.*

*Bem!... Então, eu acho que já não quero ser grande...* - rematou a Alice.

Razão tinha Jesus, quando disse que *o homem velho não tardará a interrogar, ao longo dos seus dias, uma criança*. Qualquer criança sabe que o tempo não existe, que é mera invenção dos homens. O tempo não é mais que uma sucessão interminável de bateres de

corações alimentados por gestos de ternura. Os seres humanos que são crianças crescidas renascem a todo o momento. Cada manhã é mais um pretexto para recomeçar. Ritualizar o crepúsculo de cada dia, ou o primeiro segundo de um novo ano, tanto faz! Uma criança lendo um livro, ou uma criança mais crescida escutando uma suite de Bach, tanto faz! São gestos de todos os dias, que restituem aos dias que despontam ou cessam o suave mistério da vida sem tempo calculado. Talvez se vá por aí, até ao alcançar do dom da imortalidade, que os alquimistas, em vão, perseguiram, e que os poderosos nunca lograram comprar.

É simples penetrar a harmonia de um universo sem princípio nem fim. Basta reconhecer essa verdade indelével no sereno respirar de uma criança. Viver não é mais do que sorrir perante um calendário, compadecer-se da angústia dos que ainda crêem que é o tempo que passa. Muita infelicidade humana findará quando se desfizer o mito da existência de um tempo medido. Nada acaba, quando se acaba um ano. Quando um ramo seca, novo ramo germina, quando uma certeza tomba na arca das inutilidades, novas doutrinas, tão perecíveis como as perecidas, se esboçam, no rendilhado tecer das efémeras ciências. É durável somente o que faz sentido que se renove ou transforme em cada um dos nossos transitórios dias. Do mesmo modo, nenhum modelo educativo é perene – já cá faltava o falar de escola, não é?... – e, por essa razão, dou comigo formulando as mesmas perguntas de há vinte ou trinta anos, à semelhança do formular desejos acompanhados de uvas passas.

Por que razão o ano lectivo tem o seu início em Setembro? Por que não em Janeiro, em Fevereiro, em Dezembro?... Aprender (na escola ou longe dela) não será um processo contínuo, desejo e acto sem fronteiras seculares?

O que é um ano lectivo (do latim *lectione*, “dar lição”, “leccionar”)? Para quem, há muito se apercebeu de que o menos necessário nas escolas é o “leccionar”, que significado tem um “ano lectivo”? Nenhum. Por que razão há quem continue a desperdiçar o seu precioso tempo, transmitindo aos alunos o que está nos livros, e que cada aluno nos livros poderia ler, sem intermediário, num tempo próprio, que, como sabemos, difere dos tempos próprios de todos os outros? Será esse desperdiçado tempo o mesmo tempo idolatrado, em cada início de “ano civil”, e cronicamente reconhecido insuficiente para dar todo o programa, no final de cada “ano lectivo”?

Talvez porque um “ano lectivo” não tenha qualquer sentido, os professores assinalem o seu início, aprovando projectos – que são aspirações, desejos não acompanhados de uvas passas –, projectos que jamais serão postos em prática.

## Para os filhos dos filhos dos nossos filhos

Não se creia tratar-se de uma obsessão o regresso ao tema. Da primeira vez, foi o olhar do Marcos que me suscitou uma reflexão sobre o ritual da “passagem de ano”. Agora, serei reincidente porque, mais que divagar sobre o tempo e a sua medida, pretendo evocar uma previsão lida algures. O seu autor profetizava que “*a idade da Educação*” chegaria em meados do século XXI.

Como vemos, não é em vão que alimentamos a esperança. Só custará aceitar que a minha geração já por cá não ande, nesse tempo em que a Educação será, finalmente, encarada como assunto sério. O tempo! Sempre o tempo! À escala do cosmos, o tempo de passar não é mais que um rasto de vaga-lume, ou estrela cadente. E mesmo que pensemos que, quanto mais efémeras, mais belas são as vidas, a poesia de um precoce perecer não oculta uma trágica realidade: até meados deste século, ainda serão muitas as gerações a quem será negada a Educação que os seres humanos mais jovens merecem e que é possível, se, já hoje, quisermos que seja.

Escrever sobre o ofício de educar é sempre um exercício precário. Por mais que o desejo desenhe possíveis futuros, quando escrevo para a Alice, ou para o Marcos, estou a escrever para os filhos dos filhos dos nossos filhos. Ser esperançoso também é isto: escrever para os netos, na apaziguadora certeza de que eles serão os nossos olhos e as nossas mãos, quando os seus filhos forem, finalmente, as crianças felizes e sábias que eu desejaria todas as crianças hoje fossem.

O que nos resta como deliberação é o primeiro passo de cada dia. É acolher cada afago do destino como primeiro e derradeiro. Nada mais. E encarar a fealdade dos dias como possibilidade do belo. Senão, como conseguiríamos suportar desmandos engendrados pelos sistemas educativos que ainda temos? Mas a paciência já não é virtude bastante. É preciso mais: não esperar. E não me move apenas o baixo rendimento académico dos alunos, bem expresso e documentado em recentes estudos. Quem conseguirá explicar porque, séculos volvidos sobre Copérnico e Leonardo da Vinci, metade da população dos Estados Unidos ainda creia que é o Sol que gira em volta da Terra? Como poderemos suportar a ideia de que uma professora acredite que Deus habita a Lua e que, por essa razão, advirta os seus alunos de que os homens nunca poderiam lá ter estado, e que os astronautas eram bonecos animados? E quase nos faz morrer de desgosto o

estudo que revelou que metade das crianças japonesas nunca viram um amanhecer ou um pôr-do-sol.

Disse Kalil Gibran, *“Vivemos somente para descobrir a beleza. Tudo o mais é uma forma de espera”*. Foi-me dado viver num tempo de espera. A Alice, o Marcos, outras crianças, e adultos que não esqueceram as crianças que foram, são quem me guia na descoberta de beleza. Em todas as gerações há seres avisados, que não se deixam corroer pelos ácidos de tempos sombrios, seres que arejam instituições, abrindo janelas por onde penetram ventos de mudança. Nas apáticas escolas que ainda vamos tendo (e merecendo?), a “Idade da Educação” já acontece, em espaços intersticiais, apenas acessíveis a olhares que se não deixaram corromper. Todos os dias me chegam notícias de discretos prodígios. No segredo das suas salas, há professores que não esperam, que recriam.

Pedagogia é arte. O ofício do educador é meticuloso, trabalho de precisão, como o é o dos ourives. Mas um trabalho que não admite o erro, porque uma criança é um bem mais precioso que o ouro. Se o educador se recusar a reflectir sobre o seu ofício, se ousar não o recriar – o que seria de esperar de um trabalhador intelectual – que se abstenha, no mínimo, de se aventurar em modas. Continue fazendo o que uma tradição sem nexos e uma cultura profissional falida lhe ordenam que faça. A não-directividade ingénua, o voluntarismo, o improvisado são tão maléficos como o conservadorismo pedagógico que leva à reprodução de práticas escolares obsoletas, nos tempos de espera. Alivia esta espera o saber que a Idade da Educação chegará no tempo dos filhos dos filhos dos nossos filhos. Não será tarde demais. O Abée Pierre diz-nos que *“a vida não é mais que um pouco de tempo que nos é dado para, se quisermos, aprendermos a amar no sempre para além do tempo”*. Nisso acredito. E, se me é inacessível adivinhar como será o “tempo da Educação”, imagino o que desejo que seja. Autorizo que a seta do olhar do sonho penetre num tempo além do tempo do mundo possível. Porfiarei no precário exercício de escrita, sem acalantar outra intenção que não a de dizer o que é preciso que seja dito, neste tempo de espera. Procuro desvencilhar-me do fardo do ontem, certo de que o futuro não é mais que o “agora” que está por vir. Como o menino índio de uma fotografia do Sebastião Salgado (balançando numa rede, num gostoso fim de tarde sem relógio, nem agenda), entrarei em cada portal de Primavera, envolvido pelo ritmo das marés. Sentir-me-ei envelhecer, como uma árvore no jardim da escola, sem ganhar raízes, por saber que neste mundo nada é nosso. Mas sabendo, também, que tudo será possível no tempo dos filhos dos filhos dos nossos filhos.

## O padre, o poeta e a professora de francês

Quando não está dormindo ou reclamando alimento, o meu neto faz companhia ao avô contador de histórias. À semelhança das cartinhas que escrevi à Alice, conto ao Marcos histórias da escola que tivemos, dando voz a vozes anónimas. Contar histórias a crianças de tenra idade tem vantagens sobre contá-las a adultos. O meu neto é um ouvinte atento. E não faz comentários judiciosos.

Vendo o Marco gatinhando, dir-se-ia que parece alheio, desinteressado do enredo da história. Mas não é bem assim. Se eu paro de ler, ele pára de cirandar. Se eu retomo o fio da narrativa, ele retoma o seu peregrinar pelo chão da sala.

Voltemos, pois, às histórias, através das palavras de professores, que falam do tempo em que tiveram ofício de aluno, e das escolas e dos professores que puseram marcas nas suas vidas. A primeira das histórias demonstra uma verdade nem sempre evidente: há professores que não usam a pedagogia como mera ciência ou arte, mas ajudam outros aprendizes a aprender a arte de viver.

Era uma vez, um professor contou-me... No meu percurso escolar, houve três pessoas que recordo com ternura. O primeiro foi um professor padre, que entrou na sala e perguntou: *O que quereis aprender?*

Essa foi a pergunta fundadora de toda a sua pedagogia: *O que quereis aprender?* E, porque era homem de questionar em tempo de Ditadura, de padre e professor passou a “clandestino”. Esta era para mim uma palavra comum e eu mesmo viria a usar o adjectivo. Vi o “clandestino”, pela derradeira vez, no fim da primeira aula da manhã de um certo dia em que o director da escola o invectivou, violentamente: *O senhor não é um padre! O senhor é um jacobino! Vá ter comigo ao gabinete!*

Já não deu a segunda aula. Nunca mais voltou à escola. E eu, que desconhecia o significado da palavra *jacobino*, logo fui ao dicionário. A última herança que esse padre-professor me deixou foi a inquietação que me conduziu ao primeiro passo de uma aprendizagem que também lhe fiquei a dever. De palavra em palavra, de definição em definição, de *jacobino* passei a *revolucionário*, de *revolucionário* a *democrata*... A curiosidade não me deu tréguas, arrastou-me a muitos serões na Biblioteca Pública.

Também tive um professor-poeta (todos o são, mas este publicava poesia). Acendeu trilhos poéticos que me levaram muito para lá dos versos que convencem os adolescentes de que são poetas. Foi o primeiro professor a mostrar-me o que não cabe

nas palavras, a guiar-me pelas palavras que estão para lá das palavras e das ideias que as palavras ocultam. Provocou deslumbramentos perante Caeiro e solenidade perante os primeiros versos da Sophya. Desocultou poetas malditos e resgatou um Camões que andava naufragado em fastidiosas dissecações de decassílabos.

A mais importante das aparições aconteceria já eu fizera dezoito anos. Apaixonei-me pela professora de Francês, logo à primeira (amor platónico, como é bom de ver!).

Era uma mulher fantástica, que se envolvia no que ensinava. Interrogava as nossas vidas na língua de Voltaire e de Vian. As suas perguntas, feitas em catadupa, levavam-nos a novas descobertas e à descoberta de nós. Só muito mais tarde consegui entender o que aconteceu. No breve tempo de convívio com tão gostosa criatura – que a noção de tempo não é idêntica na amiba e no elefante... – a professora anediava-me a alma. As suas aulas – que eram mais uma espécie de liturgia – produziam em mim um efeito mágico, e eu para ali ficava a contemplá-la, automaticamente absorvendo tudo o que ela dizia, antropofagicamente exaurindo tudo que ela era. Numa alquimia dos sentidos, de que só ela conhecia os segredos, mais do que a amá-la, levou-me a amar a cultura francesa: Camus, Yourcenar, Eluard, Piaf ....

No último dia desse ano lectivo, aconteceu algo inesperado. No fim da aula, a professora de francês juntou ao sacramental “*podem sair*” um apontar de dedo na minha direcção: “*Precisamos conversar!*”

Fiquei atrapalhadíssimo. E disse, cá para mim: *O que foi que eu fiz? Ter-me-ei deixado trair pelo olhar?*

Saíram todos. A professora retirou da sua saca de ombro um disco e um livro. E disse: “*Fui a Paris, e lembrei-me de te trazer música de Jacques Brell. Sei que vai gostar. É para não te esqueceres de que me lembrei de ti*”.

A professora a tratar-me na segunda pessoa do singular! Coisa nunca vista! Eu fiquei preso ao chão, uma mão colada ao disco, outra no livro. Mudo por fora, gritando por dentro. E, antes que eu conseguisse resolver o conflito, a professora saiu da sala.

Nunca mais voltaria a vê-la. Para ser totalmente sincero, devo confessar que, de cada vez que ouço o “*Ne me quitte pas*” do Brell, sinto a súplica do poeta-cantor como se minha fosse...

É bem verdade que a escola que me coube em sorte se assemelhou ao vaguear num deserto. Mas, como todo o deserto que se preze é pontuado pelo mimo dos oásis, na escola também nutri afectos e aprendi a vida com um padre, um poeta e uma professora de francês.



## A caixinha dos segredos

A lucidez dos reparos do Marcos ensina-me a traduzir o mundo em metáforas. É-me impossível dizer tudo o que nele julgo ler, mas busco a imperfeita transposição. E nada melhor que um neto, para aumentar os meus *desconhecimentos* e *desteorar* a vida. Caio, porém, em pecadilhos, que o leitor atento já se apercebeu do estilo maniqueísta destes textos. Há sempre uma moral implícita e uma escola “ideal” e “alternativa” às escolas que ainda (infelizmente) vamos tendo, o que me obriga a fazer uma confissão: não se pense que a escola “ideal” que tenho em mente se comporta sempre como escola “ideal”. São as pessoas que fazem as instituições e que as... desfazem. As escolas são habitadas por pessoas. Quem nos dera que, em certos dias, o não fossem!

Como dizia, tempos atrás, há dias em que o lado lunar produz tal impacto numa escola, que melhor fora que o dia nem tivesse começado. Há professores que ligam os seus “complicadores”, e os jogos de poder, que considerávamos erradicados, emergem violentos. O negrume de sentimentos negativos invade os corpos e as almas, ensombra as horas, faz desejar ir embora dali... Mas, talvez porque os professores tenham um projecto (ou o que quiserem chamar ao que põe cimento nas causa comuns), logo surgem prenúncios da bonança que suaviza iras e amacia conflitos.

Se entendemos essa gramática nos adultos, houve um tempo em que os professores a apreenderam nas crianças. Há quase trinta anos, um episódio trágico deu que pensar aos professores dessa escola “ideal”. Um aluno de uma escola próxima cometeu suicídio – eu sei que custa aceitar a ideia do suicídio na infância, mas a criança em causa, ao que pude apurar, há muito evidenciava comportamentos que poderiam ter sido sinais de alarme – e, reflexão após reflexão, chegou-se à conclusão de que todas as escolas devem estar atentas a pormenores. Era a Inês, que ficava fixava os olhos num ponto qualquer e se ausentava. Era o Júlio, que infligia a si próprio sofrimento, com qualquer objecto cortante que estivesse à mão. Era ainda o Vasco, que alternava súbitos gritos com longos períodos de prostração.

Nos encontros de fim de tarde, falou-se de desencontros, de falta de comunicação, de sofrimento e infelicidade infantil. O que, até então, poderia ser considerado tabu, passou a ser encarado como *deficit* de atenção. Não que aqueles professores andassem distraídos, mas que não se perderia nada em atentar em insignificantes significâncias...

Não tardou que a redobrada atenção desse frutos. A caixinha dos segredos (assim foi baptizada pelos alunos) passou a encher-se de mensagens de seres sedentos de diálogo.

Havia os que colocavam na caixinha papéis dobrados e bem colados, e escreviam por fora: *“É para a professora F...”* A professora lia: *“Professora, a minha irmã mais velha tem um curso, mas não arranja emprego. Ao jantar, há sempre discussão. O meu pai diz que ela é uma preguiçosa e que na idade dela ele já trabalhava. Ontem, à noite, o meu pai levantou-se da mesa e atirou com o telefone à cabeça da minha irmã. Eu fugi para o meu quarto. Nem jantei. Não sei o que fazer. A professora pode ajudar-me?”*. As professoras ajudavam, discretamente, sem saber que começavam a esboçar o perfil de um professor-tutor. Havia as cartas de amor decoradas com corações e setas, umas mais longas, outras telegráficas: *“Se gostas de mim, põe uma cruzinha à frente do “eu gosto de ti”*. Depois volta a pôr na caixinha dos segredos”.

Feita a entrega das primeiras aos respectivos destinatários, os professores percorriam as salas, fazendo a entrega do correio sentimental. Mas não se pense que a redobrada atenção se resumia à actividade epistolar e aos encontros que dela decorriam. Nem um professor-tutor tem por vocação ser mero confidente ou médico de almas. Os papéis de um professor-tutor vão mais além, ou nem sequer a sua missão passa por aí, porque, felizmente, a maioria das crianças são filhos felizes de famílias felizes. Por ora, direi que, um pouco mais atentos, os professores acharam dramas e medos até então ocultos. No afago sereno das palavras, devolveram aos pequenos seres a confiança perdida. E, quando pensavam estar a monda do sofrimento acabada, surgia novo motivo de preocupação.

O professor viu duas meninas, uma de cabeça pousada no ombro da outra, a outra passando a sua mão no rosto da companheira. Viu lágrimas no rosto desta. Aproximou-se. Seria, certamente, mais um arrufo de namoradinho, ou zanga de amigas...

- *“Então, o que se passa?”*

- *“Ó professor, ela disse-me que, ontem, o pai dela se zangou com a mãe, e que dormiu no sofá da sala. Está muito triste e diz que não quer voltar para casa”*.

- *“Deixa lá, pequena!”* – disse o professor, para aligeirar, ao aperceber-se de que a aluna já tinha interiorizado um sentimento de culpa – *“Quando chegares a casa, vais ver que os teus pais já estão de bem um com o outro! Os adultos são assim, miúda! Não te preocupes! Não fiques triste!”*

Esperava resposta da chorosa, mas quem lhe respondeu foi a que não chorava:

- *“É, professor, eu também já lhe tinha dito que não vale a pena chorar. Os meus pais já não se falam, nem dormem juntos há dois anos, mas que eu já não me importo com isso. Quero lá saber!”*

O professor ficou em confusão, sem saber se deveria condoer-se da menina chorosa, ou abraçar a que lhe respondera. Saiu dali, lesto, porque há ocasiões em que até um homem chora.

## **Bem pelo contrário!...**

Todo o avô que se preze “estraga” os netos quanto pode. E eu devo reconhecer que não escapo à regra. Os “estragos” que opero no Marcos são inerentes ao vício da aventura que busco incutir-lhe. Desafio-o para riscos e sortes maiores que os possíveis nos estreitos limites de uma casa, ou os consentidos pelos limites simbólicos de uma vida de conveniência. Incito-o a adular-se sem adular-se.

Acaso o Marcos venha a optar pela nobre missão de ensinar e educar, incitá-lo-ei a retomar os passos dos seus pais, que, discretamente, contrariam o pré-determinado devir das escolas que ainda temos. Hoje, como no futuro que será o do Marcos, as escolas carecem de românticos resilientes, conspiradores. Porém, a reinvenção dos caminhos não é mero capricho, nem poderá converter-se numa via-sacra. Por mais pontiagudas que sejam as pedras que roçarem os seus passos por inexplorados caminhos, convidá-lo-ei a empreender a demanda de um novo Graal. Mas também porque o amo, não lhe pedirei que beba o cálix do sacrifício. Bem pelo contrário!...

A geração do Marcos deverá romper com o fatalismo que sacrificou Giordano nas fogueiras da Inquisição e condenou Sócrates à fatal ingestão da cicuta. Ajudá-lo-ei a fintar o fado funesto que imolou Ghandi num punhal traiçoeiro e Luther King numa bala assassina. Um século após a execução de Ferrer, setenta anos decorridos sobre o assassinio de Janusz Korcsak nas câmaras de gás nazis, é tempo de contrariar o fatalismo que confirma as tentativas de mudança da Escola como sublimes imolações. Não quero cultivar memórias habitadas por histórias de mártires. Bem pelo contrário!...

É conhecida a anedota que refere a possibilidade de fazer viajar no tempo (ou de ressuscitar) um médico cirurgião e um professor que tenham vivido nos primórdios do século XIX. Diz-nos a anedota que, recolocados o médico e o professor nos seus locais de trabalho, o primeiro morreria de susto perante a sofisticação dos recursos disponíveis no bloco operatório onde aportasse. Por seu turno, o professor retomaria a aula interrompida há duzentos anos, mandando abrir a cartilha na página oitenta e três...

Trata-se de uma anedota, bem sabemos. Porém, é incontestável que os avanços da Medicina, enquanto ciência, introduziram na prática médica profundas transformações, tornando obsoletos conhecimentos e práticas de há dois séculos. E o que distinguirá as escolas do século XIX das escolas que hoje temos?

Mudaram-se os tempos, as matérias e materiais, enquanto o modelo se manteve inalterado: classes, turmas, aulas, lições, tempos de padrão uniforme, currículos segmentados, estanques, inadequados... Mais computador, menos sebenta, mais “data show” menos pau de giz, em pleno século XXI, a Escola mantém-se tributária de necessidades sociais do século XIX.

É por isso que falo ao Marcos de professores que, outrora, ousaram contrariar velhos desígnios, ou não reconheceram desígnio algum no seu vagabundear accidental pelas escolas. Também lhe falo da perplexidade dos que tentaram reinventar a escola que foi sua. Como aquele professor que me descrevia a sua passagem pelos calabouços da polícia política, uma polícia que lhe vigiava a correspondência e os passos. Contava-me que, ao longo de todo o tempo que dedicou à nobre missão de educar as novas gerações, assistiu à deserção de muitos professores, à desistência dos mais sonhadores, perante deslealdades e perfídias. E exclamava amiúde:

*- Amigo Zé, tu és um crédulo, mas hás-de arrepender-te! O maior dos erros é dar a outra face. Se até mesmo o Cristo perdeu a paciência, até o divino ser se exaltou e desatou aos pontapés nas bancas montadas pelos vendilhões do templo!*

Para esse velho professor, muitas tinham sido as noites passadas nos calabouços da polícia política, imenso o tempo de pensar um qualquer sentido para o anónimo sacrifício, enorme a tentação da desistência e da acomodação. E eu cimentei na sua amargura a minha irreversível decisão de recusar martírios.

Bem pelo contrário!... As crianças das escolas em que se desenha um devir luminoso não carecem de registos de actos sacrificiais ou da leitura de hagiografias pontuadas de renúncias. As novas gerações hão-de colher lições de vida em adultos seres não adulterados animados pelo dom da esperança. O Marcos há-de dispensar os exemplos plasmados em biografias de professores mártires.

Manda a verdade que acrescente um sinal de esperança ao aparente pessimismo. Porque importa conhecer o que de belo e inovador se fez pela Educação deste país, revelo ao meu neto a vida maravilhosa da Irene Lisboa, companheira de sonho do meu amigo de fala magoada e de outros professores condenados a degredos. Ainda hoje, os professores não-acomodados da geração dos pais do Marcos se defrontam com alguns teóricos, políticos e *opinion makers* nossos contemporâneos que, boçalmente, afirmam nos jornais que a degradação do sistema se fica a dever a “novas pedagogias”. “Novas pedagogias” que ninguém praticou, que nenhuma escola adoptou, que nem eles sabem dizer quais são...

## A divisão das orações

Confesso não ser um avô preocupado com os perigos que o Marcos defronta no seu deambular pelo chão do escritório, enquanto lhe conto histórias. São pontiagudas as esquinas das mesas, desafiadores os objectos cujos perigos o Marcos ignora, mas não interrompo a narrativa para lhe lançar avisos ou premonições – *Não mexas aí, que é perigoso! Ainda te vais aleijar!* – nem gasto o meu latim a explicar-lhe a arte de sobreviver à infância.

Bem pelo contrário!... Empenho-me, tanto quanto o Marcos mo consente, em lhe incutir o dom da errância. E há-de ser assim, enquanto a vida mo permitir. Por mais rudes que se apresentem as arestas da incompreensão, desafiarei o Marcos a percorrer caminhos por inventar. Por mais dolorosas que sinta as picadas dos cardos semeados nesses caminhos, sei que, perante deslumbramentos e perplexidades, o meu neto saberá elevar-se de um gatinhar exploratório da infância a verticais e infindas peregrinações.

Imagino perguntas que da sua natural curiosidade hão-de despontar:

- *Avô, é verdade que as árvores respiram pelas folhas?*

- *É verdade* – dir-lhe-ei por resposta. Porém, como qualquer criança (só os adultos cedo deixam de fazer perguntas), o meu neto insistirá:

- *Avô, quando não têm folhas, por onde respiram as árvores?*

E eu, sem saber que resposta dar, antevejo as aventuras das descobertas a dois a que o Marcos me há-de conduzir.

Só temo que o Marcos me faça perguntas que não têm resposta. Não porque me preocupe que me possa considerar um ignorante – até seria útil que ele se apercebesse de que os avós de hoje, contrariamente aos antigos, não são guardiães de todas as respostas – mas porque não poderei responder a perguntas que não têm resposta possível.

Se, por exemplo, o meu neto me perguntar por que é o céu de cor azul, eu não lhe darei a resposta, mas saberei indicar-lhe caminhos para que a encontre. Deambularemos pelos livros, pelos computadores, eu sei lá!... E não precisaremos de achar uma resposta de especialista, para que ele entenda. Só carecerá de ser uma explicação lógica. É exactamente por isso que temo que o meu neto me pergunte, por exemplo, porque é que a Escola é como é... Que lhe poderei dizer, senão confessar a minha ignorância? Não sei que resposta lhe dar. Aliás, ninguém sabe. Até hoje, toda a gente a quem fiz a mesma pergunta não soube que resposta me dar. O que pensará o meu neto de pessoas

que não sabem explicar porque fazem o que fazem. E quando essas pessoas são professores, o que há-de pensar o meu neto?

Quando eu tinha ofício de aluno, se não entendia a razão de estudar determinado assunto ou de decorar uma qualquer matéria, o professor dizia-me que, um dia, eu viria a entender o motivo:

*- Aprende, que irás precisar, um dia...*

E lá me via a enquistar os malditos problemas das torneiras que enchiam e esvaziavam tanques, a recitar de cor os afluentes do Rio Zambeze, a decorar o que se sabia ser seguro sair no exame. A decorar sem entender, porque *é assim porque é assim e porque irás perceber porquê, um dia...*

Meio século decorrido, posso afirmar que o ter decorado o sistema galaico-duriense não fez de mim uma pessoa mais sábia. O ter decorado as preposições simples não fez de mim uma pessoa mais feliz. Amontoei muita tralha do espírito a que costumam chamar currículo. Impingiram-me um sem número de conjunções e mandaram-me dividir orações. Roleta russa, pois havia uma possibilidade em dez de acertar. Para compreender, foi preciso desaprender, esquecer as conjunções impingidas. Foi preciso redescobri-las, dar-lhes sentido, para que não confundisse um “que” relativo com um “que” integrante...

Atafulharam a nossa memória com inutilidades. E, porque o tempo de escola não dá para tudo, não ensinaram a minha geração a questionar. Só muito mais tarde, quando já havia abandonado a escola há tempo suficiente para poder apaixonar-me pela leitura, se me tornou fácil analisar orações. Sozinho, ou melhor, no diálogo com os autores que comecei a amar, captei o ritmo da frase, aprendi a localização da vírgula, o significado do ponto final... Excomungadas as certezas que me tolhiam, deixei de dividir orações – passei a partilhá-las – porque o que me atraía à leitura de um texto e me permitia a compreensão do conteúdo já não era uma certeza fundamentalista, mas uma interrogação criadora, já não era a dissecação da frase, mas a sua fruição.

Ludibriada a mnemónica que me fazia reproduzir o discurso da primeira comunhão, dei largas a deambulações que o meu neto há-de antecipar. Porque, apesar de reconhecer a importância da memória, reconheço que *os tempos são outros* e que não é verdade que *se sabia mais na quarta classe de antigamente do que se sabe hoje no fim do nono ano*.

## O Senhor Carlos

Não sendo por acasos que há acasos, o primeiro ano da vida do Marcos Rafael coincide com o último dos anos em que o seu avô será professor de crianças, pelo que somos da mesma idade e partilhamos experiências e memórias.

O Marcos tem uma memória prodigiosa, uma memória de tempos umbilicais e outras, que guarda só para si. Quando aceder à fala e souber comunicar na linguagem dos homens, será demasiado tarde para reaver uterinas memórias e muito cedo para verbalizar as outras. Elas serão guardadas, no seu mais secreto recanto, até que, passada a idade de ser velho, o Marcos regresse ao lugar da memória de todos.

É bem verdade que é uma só a memória dos homens. E memória é coisa que não falta aos professores. Os professores só pecam por três defeitos: o de nada escreverem do muito que sabem, o de não divulgarem as maravilhas que operam no segredo da sua sala, o de não denunciarem situações que se crê não aconteçam...

E se ouvíssemos professores contando memórias de quando ainda não eram professores? E se dissessem porque gostavam de ir a escola e do que não gostavam? Talvez pudéssemos ler algo assim... A minha primeira escola era mais pobre do que tudo o que se possa imaginar. A directora morava no último andar do velho edifício. Na sala, havia um quadro negro e umas carteiras a desfazer-se. Recordo o cheiro da tinta, a caneta de aparo, o mata-borrão... Eu carregava demasiado na caneta e borratava o caderno de duas linhas. Nem a palmatória de olhinhos aplicada a rigor me resolvia o problema. Bem pelo contrário!... Com o nervoso miudinho aumentava a pressão sobre a caneta e voltava a partir o aparo... Mas não quero lembrar mais isso. Gostaria de dizer que quase tudo o que aprendi, durante os quatro primeiros anos de escola, aprendi-o fora da escola.

Eu ia à escola, de manhã. De tarde, trabalhava na oficina do meu pai. À noite, ia para a casa de um senhor que morava no primeiro andar de meu prédio.

Era um tal cheirinho a livros naquele quarto! Todas noites, devolvia os livros já lidos e remexia prateleiras em busca de novidades. O senhor Carlos assistia à minha sofreguidão visivelmente satisfeito. Visivelmente, rejubilava por me ver sair de sua casa, levando nova remessa debaixo do braço. Eu subia as escadas, duas a duas, e, entrando em casa, espalhava os livros sobre a cama, para uma primeira escolha. Depois, sob a luz fraca e tremeluzente de um candeeiro a petróleo, noite adentro, esforçava os



olhos na avidez de leituras urgentes: o Cavaleiro Andante, o Mosquito, o Pateta, a Fagulha....

O senhor Carlos era um homem era muito conhecido na minha rua, por não ter ido casar na igreja e por “ter ideias políticas”. Avisavam-me: *Vê lá com quem andas. Na tua idade, do que tu precisas é de bons exemplos! Ainda vais dar em ateu, ou comunista!*

Na minha rua, o senhor Carlos era o único que tinha livros em casa, e era uma das raras pessoas que sabia ler. Não era professor, mas ensinou-me a amar a leitura, muito antes de eu ir para a escola. Hoje, eu sei que ele me ensinou a ler pelo método global de palavras, ainda que não soubesse que era um método. E mostrou-me, pelo seu exemplo, que há muitas maneiras de aprender... e de viver. Possuía uma estranha coragem de assumir a diferença, num tempo de medo e sombras. Creio mesmo ter modelado os meus afectos no amor que ele tinha pela sua companheira – um amor profundo e sem contrato. Aprendi, muito cedo e com pessoas simples, os dons da dádiva, da simplicidade e da coragem, ainda que continue a considerar-me em deficit no uso de tais dons.

Quando fui para a primária, eu já sabia ler. Mas não tive outro remédio senão disfarçar. Tinha que escrever letras em carreirinhas e fazer de conta de que não sabia ler. No meu primeiro dia de escola, o senhor Carlos juntou ao monte de livros de quadradinhos um livro grosso, que tinha escrito na capa: “*A oeste nada de novo*”. Foi o meu primeiro livro sem figurinhas. E disse-me: *Leva. Lê quando quiseres. Mas não mostres a ninguém.*

Explicou-me tratar-se de um livro proibido pela Censura. Explicou-me o que era a Censura. Explicou-me tanta coisa!...

Quantas vezes tive de voltar atrás na leitura! Quantas mais vezes me apeteceu devolver o livro com uma desculpa esfarrapada do género: *Ainda não consigo perceber o que querem dizer algumas palavras...* Mas, quando ensaiei o pretexto, numa noite em que me perguntou se eu já lera algum bocadinho do romance, a frase saiu a falso. E, quando subi ao segundo andar, um braço segurava um macinho de livros, o outro ia abraçado a um dicionário.

Eu não queria desiludir o senhor Carlos. E levei a leitura até à última página. Aliás, à medida que avançava, menor era o sacrifício. E quando, orgulhosamente, dei por concluída a leitura desse primeiro livro sem figurinhas, eu vi os olhos do senhor Carlos brilharem, quando lhe disse: *O senhor Carlos não terá por aí outro romance? Pode até ter mais letras do que este!*

## O pai do Watson

Muitos velhos (velhos de qualquer idade) estão possuídos pelo medo de pensar. Consomem o parco tempo de passagem a repetir o que outros velhos de qualquer idade pensaram, crendo serem suas as ideias, sem saber que as ideias são de todos e de ninguém. Os velhos que são mesmo velhos não percebem que, quando lhes ocorre um mesmo pensamento, ele já não é o mesmo que pensaram. Quando voltam a pensar, já é outro avô que pensa. Como o pássaro que regressa do breve voo e já não o mesmo pássaro da partida.

As ideias velhas envelhecem, tal como os homens. Outras geram novas ideias. Os novos (de qualquer idade) são novos porque são animados por novas ideias. Das que já não nos pertencem (se alguma vez nos pertenceram) e daquelas que nem sequer chegaremos a pensar. Por essa razão, os novos de todas as idades sabem sempre mais que os mais velhos.

É exemplar a história do miúdo que pergunta ao pai se sempre é verdade que os pais sabem mais que os filhos.

- *Claro!* – respondeu o pai, prontamente – *Poderia lá ser de outra maneira! Os pais sabem sempre mais que os seus filhos.*

O pimpolho não se deu por satisfeito e rematou:

- *Então, paizinho, quem inventou a máquina a vapor? Foi o Watson, ou foi o pai do Watson?*

Como para cada facto ou realidade existe um seu oposto – ou complemento, pois nada sei das orientais filosofias – trago à colação uma história em contraponto, achada num recanto da memória.

Certo dia, estava eu descascando ervilhas – óptimo entretém, ao que dizem, propiciador de meditação. Flutuei por instantes acima da miséria dos dias e das suas infáveis consumições. E eis que troco as bacias: a casca vai para a bacia das vitualhas destinadas à panela, as ervilhas para o saco do lixo... Despertei da búdica meditação ao som das estridentes gargalhadas do meu filho, que me vinha acompanhando na função, e observou o erro de manobra. Comentei:

- *Olha que engraçado! Enganei-me no destino!*

Profunda reflexão de que não me apercebera não fora o meu filho – que sempre soube mais das coisas e das pessoas do que o pai – gargalhar mais uma vez.

- *Por que te ris, André?* – *inquiri.*

- *Porque disseste que te enganaste no destino.*

E não é que o maroto do miúdo tinha razão? Intuíra o significado da expressão muito para além do comezinho engano do destino da ervilha. Foi bem mais fundo na reflexão, provando a supremacia do saber de um filho sobre o do seu progenitor.

Na verdade, eu sempre me enganei no destino. Porque, se é de pequenino que permitimos que no-lo torçam, também será verdadeiro o aforismo (que agora me apeteceu inventar) que diz que o destino também se pode distorcer. E para o distorcer basta pensar de modo novo. Libertar as ideias afaga o pensamento e tem o condão de reforçar o pensamento divergente, que nos protege de certezas certas. A receita é interrogar o mundo, ininterruptamente, desprendidamente. Vê-lo em cada manhã, como se fora o primeiro homem perante todas as cores da primeira madrugada.

Não fora o não-exemplo do meu avô (talvez um dia conte...), eu acabaria electricista, como estava escrito no meu retorcido destino de criança. E muitos outros seres também não se deixaram pensar. Como aquele jovem que escutei num programa de rádio. Até quase ao fim dos seus estudos para entrar na faculdade, sempre tinha obtido boas notas. Iria, sem entusiasmo mas resolutamente, ser médico ou arquitecto. Durante a sua juventude abominara tudo o que fosse música erudita. Odiava ópera. Até que, no dia do seu aniversário, alguém, à revelia de pais e avós cultores da tradição da música fácil, lhe ofereceu um CD com árias cantadas pela Maria Calas. Confessava o jovem aos microfones da rádio que atirara o disco para um canto. Até que, um dia...

O entrevistador concluiu a conversa, referindo que o jovem entrevistado havia ganho o concurso de canto Maria Tody, um dos mais prestigiados concursos do género no nosso país. Quis saber o entrevistador o porquê da radical transformação. Respondeu o jovem:

- *A sementinha estava aqui dentro. Só foi preciso deitar água e cuidar dela.*

Para não sufocar a *sementinha* numa torrente de pensamentos repensados, para não correr o risco de a fazer apodrecer precocemente, preservo o Marcos de presunçosas sapiências de avô. Impeço-me de determinar, do alto dos meus cabelos brancos, os seus desejos e necessidades. A primeira das regras é não tentar ensinar aos netos aquilo que se pensa que eles precisam saber. A segunda, procurar aprender o que eles são, no que pensam e para além do que pensamos que eles hão-de pensar.

Os tempos são outros. Só os avós com certezas absolutas ainda não entenderam.

## Educar na cidadania

Enquanto brilham para fora, os olhos do Marcos são meus guias, e neles fundo o meu olhar, para me ir refazendo. Mas se o seu olhar se volta para dentro, a viagem interior que enceta concede-me idêntico deambular de rumos novos, que percorro se quiser e se ele quiser.

Sempre que o Marcos fica a olhar-se, pressinto transformação, sínteses, socializações primárias... E fico apreensivo. Sei que tudo o que o Marcos precisa saber para saber quem é, maugrado o livre arbítrio de que for capaz, vai aprendê-lo nos encontros e desencontros que a vida lhe reserva. Vai modelar-se nas atitudes que observar. Irá crescer e aprender-se nos actos e demissões das pessoas que partilharem os seus caminhos. E há-de encontrar as pessoas dos seus professores.

Preocupa-me que haja professores que não consigam ensinar. Mas preocupa-me ainda mais o que ensinam. Ainda que de tal possam não ter consciência, transmitem valores. E, em função do seu sistema de crenças e valores, vão impregnando os alunos de solidariedade ou umbiguismo, de autonomia ou conformismo. Já dizia o Jung que, por força destes desmandos, todos nascemos originais e morremos feitos cópias...

Já deparei com personalidades moldadas numa concepção imutável de sociedade. Mas também conheci professores que consideravam ser possível prever a evolução das dinâmicas sociais e o modelo de cidadão adulto, vinte anos após a “formatação” cívica operada pela escola. Amiúde, leio em manuais escolares a expressão “*educar para a cidadania*”. Se bem entendo o sentido da frase, tratar-se-á de moldar o indivíduo numa lógica de sequencialidade regressiva, treinando-o, agora, para um posterior desempenho social, que se crê, por sua vez, ajustado a um determinado modelo de sociedade futura. Exactamente no estilo do *faz-de-conta-que-já-somos-para-sermos-quando-formos*, que acaba sendo um exercício que é fim em si próprio.

A educação será para a cidadania ou na cidadania? Não se trata de uma subtil diferença entre a palavra *na* e a palavra *para*. A primeira ser contracção de preposição e artigo e a segunda se apresentar como preposição simples são questões de somenos importância. Importante é o espírito da coisa, pelo que prefiro a expressão “*educar na cidadania*”, no *hic et nunc* do drama escolar. Fazemo-nos no que fazemos. Aprendemos cidadania, como tudo o resto, no devir que já somos no aqui e agora.

Mas onde estão os espaços de exercício de uma liberdade responsável? Se nem os professores a exercem, como poderão ensiná-la? Assim como é absurdo pensar que, nas universidades, se ensine “métodos activos” em aulas caracterizadas pela passividade, também é inútil pensar que a cidadania pode ser ensinada em aulas expositivas amaciadas pela análise de dilemas, ou por via de discursos de moralidade duvidosa e eficácia nula. Não vamos lá com sermões...

Há escolas onde tudo é negação da cidadania. Nessas escolas, a solidão dos professores é da mesma natureza da solidão dos alunos, que passam de sala em sala, no ritmo pautado por uma campainha, e deparam com professores afáveis ou permissivos, uns exigentes, outros autoritários (para estes, parafraseando a Patrícia, o ser humano é nada, somente as regras são importantes e devem ser seguidas a qualquer preço). Não saberão que a cidadania, como a pedagogia, se aprende a par e é exercida com os outros? Se os professores estão sozinhos, encerrados em salas de aula, entregues às suas certezas e disfarçando angústias, que espaços de exercício de cidadania as escolas disponibilizam? Manda a verdade que diga que a cidadania pode ser exercida mesmo por profissionais que estão sozinhos, mas não cultivam a solidão. Há escolas onde a cidadania acontece. Numa reunião de Assembleia, um miúdo, que fora transferido para a nova escola há menos de um mês, pediu a palavra pela primeira vez. E disse:

- *“Para que é que estamos para aqui a discutir? Na outra escola, as professoras diziam o que devíamos fazer... e pronto!”*

O miúdo já tinha feito cinco anos de “educação par a cidadania”, mas não sabia que ainda estava a começar a tirar o curso de “educação na cidadania”. A “lição” seguinte foi-lhe ministrada por um colega mais antigo na escola, quando contestou uma decisão dos professores:

- *“Eu não gostei nada de o professor ter feito as equipas. Ainda por cima deu barraca, só houve zaragata e não houve futebol mesmo nenhum”.*

Ou quando a Marta, no calor de uma discussão, sem abdicar do exercício de cidadania, manifestou compreensão de que o estatuto de professor é o estatuto de professor e não se confunde com o estatuto de aluno:

- *“Ó professora, eu acho que já percebi. A senhora já aprendeu isto antes de mim, não foi?...”*

Não se pense que estas situações de “educação na cidadania” são exclusivas de uma escola isolada. Há muitas e excelentes experiências de “educação na cidadania”, como prova uma carta de um professor-poeta de nome Carlos, que me atrevo a citar:

*“Tudo mudou. As crianças já propõem questões, lançam ideias. Acreditam que a opinião delas também vale. E encontraram objectivos: ajudar meninos com dificuldades, ajudar o professor a resolver os casos de mau comportamento e a preparar reuniões. Agora, a escola é ainda mais deles. Estes momentos têm-me feito reflectir muito sobre o percurso que trilhámos até aqui. Pensar em como a Assembleia no início era uma coisa aborrecida e enfadonha. Como alguns se fartavam de abrir a boca! Insisti, por saber que estava no rumo certo. Aos poucos, deixei de ser eu a dirigir as reuniões. Comecei a sentar-me, discretamente, a um canto. Inicialmente, ia metendo a minha colherada, para que a reunião não descambasse em confusão. Cada vez menos. Hoje, participo como qualquer um dos outros. Os outros são as crianças. Para muitos professores, é difícil conceber que há outros para além de si mesmos”.*

## Redundâncias

O meu neto é bem melhor ouvinte que os peixes do Padre Vieira. Crente de que me entenda, comunico num dialecto que só nós entendemos. Estranho lingüarejar este de avô para neto, através do qual lhe conto histórias, sem receio de infantis perplexidades. Excepto quando me faz perguntas que adultos não fariam. Quando um neto insiste em perguntar se a escola que o espera será a dos seus sonhos, ou a travessia de um pesadelo, o que poderá um avô responder? Dirá ao neto que já fez essa pergunta duas ou três vezes? Dirá que não quer ser repetitivo, redundante?...

Mitigo o desconforto que de mim se apossa por estar sempre a falar do mesmo. É bem verdade que o faço! Vou-me repetindo, vezes sem fim, porque as crianças perguntam sempre, sempre, até à última pergunta com resposta. Para não mentir, desvio a conversa. Dou-lhe a conhecer realidades, sob a forma de apelos de professores anónimos:

*Venha ver com os seus olhos, professor, venha ver! As turmas da manhã são as dos filhos dos papás. As da tarde são as dos maus alunos. Os melhores horários são dados aos amigos, ou faz-se valer a “casta” de professor mais antigo. Desculpe-me por falar somente de problemas, mas acho que preciso partilhar a indignação. Estou a escrever como falo, à medida que respiro, e estou a respirar muito depressa...*

Quando as escolas são coniventes, ainda que por omissão, com o fomento da boçalidade burocrática, que as transformam em lugares de desperdício, os professores que nelas resistem desesperam. E escrevem para que eu lhes dê voz. Porque, desgraçadamente, os que ousam erguer vozes dissonantes, são alvo de chacota e de perseguições por parte dos seus próprios colegas de profissão.

O que fizeram dos professores? Por que se deixaram os professores atolar neste lodaçal? Quem impede que novos modos de fazer Escola invadam as escolas? Quem impõe a conspiração de silêncio que impede a denúncia do que se oculta por detrás da reprodução de práticas que geram ignorância e infelicidade?

O Alberoni disse que “*enquanto as instituições envelhecem e se tornam rígidas, novas forças pressionam lá do fundo para as destroçarem*”. Mas acrescentou que “*aquilo que nasce como impulso criativo e de liberdade, em poucas décadas torna-se dogma. E segue-se a época dos burocratas e do medo*”. Todos os estudos confirmam a falência de um modelo de Escola (dito tradicional), que já não cumpre os objectivos da modernidade que a engendrou. É evidente que as suas dinossáuricas práticas apenas se

reproduzem por demissão dos que não colocam ideias novas nos espaços usurpados pelos preconceitos. O absurdo apenas se perpetua por acção dos que dele beneficiam. Nos actos da administração – que é quem continua a determinar os actos das escolas, relegando a pedagogia para um estatuto de minoridade – o obsoleto modelo de Escola de há cinquenta, ou de há cem anos, impera. Perdurarão, enquanto as medidas de política forem paridas por titulares de cargos públicos inaptos para as funções que desempenham.

Tentei explicar ao meu neto o modo como a administração domina as escolas e como as escolas aceitam a dominação e reproduzem vícios. Não consegui fazer-me entender. Ou ele não quis acreditar, tal a dimensão do absurdo.

Apenas com uma assinatura, qualquer manga-de-alcova, numa qualquer recôndita secretaria, pode tomar uma decisão administrativa que atire por terra o mais coerente e promissor dos projectos educativos. Criaturas para quem a pedagogia é uma batata, controlam as escolas a partir de gabinetes, sem nada entenderem do que nelas se passa.

Criticam-me por eu ter esta “estranha mania de ter fé na vida” e de reiterar a minha fé dos professores que não perderam a fé. Mas eu sou assim, insistente, redundante. Acredito nos professores que o são. E incito-os, desafio-os, dirijo-lhes exortações, como faria o Padre Vieira. Mudar só parece impossível para quem nunca tentou. Eu sei que quando fazemos pontaria à perfeição, descobrimos que ela é um alvo móvel, mas surge um momento em que a porta se abre e deixa entrar o futuro.

Blá, blá, blá...? Repetições fúteis? Talvez. Mas insisto até à exaustão e para além da saturação. Até que se abram os olhos dos que não querem ver. Algum dia, a decência e o bom-senso hão-de assentar arraiais nas escolas, relegando o administrativo para uma função supletiva e complementar do pedagógico.

Enquanto houver directores que fecham os olhos a imoralidades e ilegalidades, mas que estão sempre disponíveis para complicar a vida de quem arrisca fazer diferente, repetir-me-ei, serei redundante. Enquanto houver professores que despendem mais tempo e energia a defenderem-se das armadilhas semeadas pela administração, do que a desenvolver o seu projecto, serei gongórico...

É paradoxal que aqueles a quem compete assegurar condições para um bom exercício da função de educar sejam os que maiores dificuldades colocam aos professores e às escolas que querem desenvolver verdadeiros projectos.

Consegues entender, Marcos? Nem eu! Mas continuarei repetindo o que venho dizendo, até que os peixes me escutem. Que me chamem redundante, que eu não me importo.



## ***La porte-plume redevient oiseau***

O Manoel de Barros, no seu “Livro Sobre Nada”, diz-nos que: *“há histórias tão verdadeiras que, às vezes, parece que são inventadas”*. A história da Ana é uma delas. Contarei ao Marcos episódios da vida dessa maravilhosa mulher. Começando pelo princípio – os velhos têm súbitos caprichos e, hoje, apetece-me ser redundante –, situemos o primeiro episódio num dia em que a Ana foi à escola.

É minha obrigação referir que todas as aspas enquadram e reproduzem palavras da Ana, religiosamente escutadas, num saboroso exercício dessa tão difícil arte da *escutatória*, de que o Rubem nos fala. O Rubem recorre ao talvez neologismo “escutatória”, por oposição aos excessos de “oratória” (quem nunca leu o Rubem não perca mais tempo). Serão muitas as aspas de citar a Ana, pelo que este texto (poderei dizê-lo com toda a propriedade), será de sua autoria. Eu apenas o darei a conhecer.

A história fez-me recordar um conhecido poema do Jacques Prévert, que dá pelo título de *“page d’écriture”*. Àqueles leitores que, eventualmente, não conheçam o poema (quem nunca leu não perca mais tempo), direi que nos fala de uma criança-aluno que, perante a monotonia da aula, dela se “ausenta”, conduzido pela imaginação. E termina deste modo: *“l’encre redevient eau / les pupitres redeviennent arbres / la craie redevient falaise / la porte-plume redevient oiseau”*.

Na história da Ana, uma mosca substitui o pássaro do poema do Jacques, mas vem a dar no mesmo. No tempo em que Jacques e Ana passaram pelo ofício de alunos, todas as crianças saudáveis fugiam à monotonia das aulas pelas frestas que a imaginação lhes oferecia. Se a Ana leu o poema, não sei. Mas descreveu-me o último quarto de hora de uma das suas aulas tal e qual o contei ao Marcos. Passo a palavra à Ana...

*“Olho o relógio. Graças a Deus, já só faltam quinze minutos para a campainha tocar. O professor caminha lentamente entre as filas de carteiras, falando, falando.... Os alunos estão imóveis, quase de mármore, a olhar os livros com olhos desfocados. O silêncio é ensurdecedor. Só passaram cinco minutos. Tenho os músculos tensos. Concentro-me no que vou fazer, quando a campainha tocar: pegar na mala, vestir o casaco, e porta fora!*

*Escuto o arfar nervoso da minha colega de carteira. E eu quase não consigo respirar. Os nós dos dedos estão brancos do esforço que faço sobre a caneta. Uma mosca poisou na minha carteira. Tem umas lindas asas. Limpa-as, asseadinha que é. Será macho ou*

*fêmea? É difícil saber. Já vi duas moscas coladas, mas nunca vi o sexo da mosca. Talvez, se olhar mais de perto... Oh! Fugiu! Quem me dera ser mosca!*

*Os meus olhos voltaram-se para o mostrador do relógio. Começo a contar os segundos e o meu pé marca o ritmo: três... dois... um... O quê?! Que aconteceu? A campainha não tocou! DRRRIIM! As estátuas ganham vida, as escadas são torrentes de vida reprimida, as portas sangram vida...*

*Largo a mala no meio do quintal. Como um raio, subo à minha árvore favorita. Vejo-me, saboreando frutos, no balancear dos ramos. A brisa põe flores do campo nos meus cabelos...*

*Abro os olhos. Como é possível que dez minutos possam durar uma eternidade?"*

Estava no auge da história e vejo o Marcos com olhos de quem quer fazer perguntas. Interrompi a narrativa.

- Ó avô, a escola do teu tempo também era assim?

Um avô não pode mentir. Não houve outro remédio senão dizer-lhe a verdade. Que era mesmo assim: com aulas, campanhas, moscas e pássaros...

- E a escola para onde eu vou? Como é? Diz lá, avô! Também é assim? Diz, avô!...

Não respondi. Não tive coragem de lhe dizer que a escola que o espera é idêntica, em quase tudo, à escola da Ana, à escola que foi minha, à do Jacques, à dos meninos do século XX, e também dos meninos das escolas que o século XIX conheceu...

Se a prática de um dentista não acompanhasse a evolução da produção teórica no campo da Medicina, ainda hoje nos curvaríamos sobre uma bacia de barbeiro, para que o dentista nos arrancasse os dentes com uma tenaz. Se um engenheiro recusasse ler e pensar, se prescindisse do recurso à literatura científica e à experimentação, ainda hoje viajaríamos em carroças puxadas por asininos. Ao desenvolvimento das duas ciências correspondeu a mudança, a inovação. A complexidade e a sofisticação de processos é tal nessas profissões, que ninguém ousa questionar o saber e a prática de um médico, ou de um engenheiro. E que dizer da profissão de professor?

É muito frequente lermos artigos, invectivando as chamadas “novas pedagogias”, atribuindo-lhes a responsabilidade por todos os males que afectam o sistema. Dá vontade de perguntar aos autores desses artigos: quantas escolas adoptaram as famigeradas “novas pedagogias”? Se alguém souber onde se esconde alguma dessas escolas, que faça a bondade de me facultar o endereço. Ainda irei a tempo de evitar que o meu neto passe pelos padecimentos por que a Ana passou.

## Mais uma história da Ana

- *Avô, conta mais uma história da Ana! Conta, avô!* – E eu contei mais um pedaço de vida contada por uma Ana que andou na escola “porque sim”, que me assegurou que o tempo de escola foi um “*tempo morto*”, que lá entrou como um “*pássaro livre*” e de lá saiu de “*asas estragadas*”. Porque era “*porque sim*”, porque “*pai manda e está mandado*”, e pronto! Passo a palavra à Ana, que me disse, a propósito do episódio que irei contar: - *Chorei ao lembrar, porque ainda dói em mim como uma ferida.*

Uns minutos antes da aula de História, a turma (já expliquei o que isso era) preparava-se para o que desse e viesse. E, quando a porta se abria para dar passagem à professora Joana, todos os alunos sentiam vontade de ir à casa de banho. A professora era mulher de ter estações e, naquele dia, era um Inverno bem estampado no seu rosto: o baton desbotado e a fugir dos lábios, um rimel que não rendia homenagens à simetria, os cabelos despenteados... Em dias assim, os alunos concentravam-se em sobreviver, invisíveis, fundidos na mobília. Até as moscas paravam de voar. Eram dias “*unifrásicos*”, como lhes chamava a Ana: “*páginas quarenta a quarenta e cinco!*”, “*páginas cem a cento e três*”, “*páginas cento e sete a cento e vinte e três!*”...

Ao contrário dos companheiros, a Ana nunca aceitou ser mobília. Do fundo da coragem e da baixa estatura, o dedo indicador emergia, desafiando a lei da gravidade, perante qualquer problema de compreensão, ele ia subindo, subindo. Devagar, mas subindo... Muitos professores aprovavam esse gesto e, por vezes, até era elogiada por estar sempre a perguntar, a tentar perceber tudo. A Ana tinha a cabecinha cheia de porquês”.

Interrompi a história, por instantes, para dizer ao meu neto que esse gesto da Ana não era um gesto sem sentido e muito menos isolado. Nesse tempo, numa outra escola, os alunos aprendiam a erguer o braço quando pretendiam falar. Era um gesto elementar na vida em grupo. Porém, quando esses alunos iam para outra escola, a coisa complicava-se. Numa aula (nas escolas para onde esses alunos iam ainda havia aulas), se o aluno levantava o braço, o professor dava-lhe a palavra. Quando soava a campainha (nas escolas para onde esses alunos iam ainda havia toques de campainha), o mesmo aluno passava para outra sala e, perante uma dúvida, erguia o seu braço. Logo ouvia o que não queria: “*Ó menino, acaba lá com essa palhaçada! Isso era lá na escola primária. Aqui falas quando eu te mandar! Ouviste bem?*” Na aula seguinte, o aluno já não sabia se deveria erguer o braço ou se o deveria manter quieto. A alternância das atitudes dos docentes instalava na psique dos alunos uma subtil espécie de esquizofrenia. Apesar de

o Presidente da República desse tempo ter dito aos alunos, quando visitou essa escolinha, que mantivessem o dedo democraticamente erguido durante toda a vida, outras escolas viam nesse gesto um “preciosismo”. Mas voltemos à história da Ana...

Fosse para ser elogiada ou para ser ridicularizada, o seu dedinho nunca desistia. Só nas aulas de História ele sofria. Oh! Se sofria!... Elevava-se muito, muito devagarinho, e deixava a professora Joana perplexa. A pergunta saía numa voz sumidinha. A professora Joana apoiava-se na secretária, levantava-se, e do cimo da sua altura, em vez de responder à pergunta, punha toda a sala a rir-se da Ana. Ela perdoava os colegas, porque sabia que os seus risos eram forçados, como são forçados e perdoáveis os soldados que dizem matar por amor à pátria.

*- Ó Ana, és mesmo tonta! Não vês que só tu é que fazes perguntas e me fazes perder tempo? Olha para os teus companheiros! Vá, levanta-te! Vira-te! Vês alguém a fazer perguntas? Só mostras que és burra, que só tu é que não percebes!*

Quando a professora assim falava, o coração da Ana descia até à ponta do pé. Por instantes, ia-se a coragem. Afundava-se na cadeira. Ficava tudo branco.

Fora da sala, os colegas diziam-lhe que perguntasse, perguntasse, perguntasse... Porque eles também nada entendiam o que a professora Joana ensinava. Disseram-lhe que contasse com eles, que a iriam apoiar, se voltasse a defrontar a professora. Foi então que a Ana decidiu ter uma conversa de mulher para mulher com a professora Joana. Estudou as palavras, a postura, para quando chegasse o momento. A professora veio, corredor abaixo, na sua direcção. A cada passo seu, o coração da Ana acelerava mais e mais. Talvez não estivesse preparada. Talvez fosse melhor deixar para outra altura...

*- Professora Joana, eu queria...*

*- O quê? Sai-me da frente! Já!*

*- Ó minha senhora, tem obrigação de me ouvir!*

*- O quê?! Eu tenho a obrigação de quê?! Tu não passas de um fedelho insignificante. Quem é que tu achas que és? Hem? Fala! Vá, fala agora! Agora, sou eu que te mando! Vês? Não passas de um bebé! Um bebé, ouviste bem?* – A professora Joana entrou na sala. A Ana ficou colada à parede do corredor. Mas, recordada da promessa de apoio dos colegas, entrou na sala como um furacão. Perdida por um, perdida por mil...

*- Professora Joana, eu e todos aqui presentes...*

A professora não a deixou completar a frase: *- Tu e quem mais? Não vejo mais ninguém a queixar-se. Vamos lá a ver... Alguém tem razões de queixa? Alguém tem?...*

Ninguém se mexeu. E, nesse dia, algo se partiu, ou morreu, dentro da Ana.

## Entre dois fogos

Com o decorrer da idade, vou ficando mais distraído. Fui com o meu neto Marcos a um supermercado, em plena febre consumista de Setembro. E não me perdoarei.

Deixei-me ficar, observando. As borrachas e canetas de cheiro, arrancadas dos estojos, jaziam nas estantes, ou espalhadas pelo chão, algumas esmagadas por sucessivas cargas de pequenos bárbaros, de quem escutava veementes exigências:

- *Não quero essa porcaria! Quero uma mochila “Dream”! Ou, então, uma “Adidas”!*

E a mamã devolveu à estante o pacote rejeitado, e danificado pela fúria do pimpolho.

- *Ó Vitinho, olha esta, aqui! É mais bonita, não achas? E é mais barata. Olha que a mamã não é rica!...*

- *Só quero aquela lancheira, a do Mickey! Já disse!* – ripostou o catraio, enquanto arremessava uma Trolley, que, certa, embateu no lote e projectou as restantes lancheiras pelo espaço em redor. E já o pimpolho se atirava, a pés juntos, para cima de uma cadeira em exposição, rasgando o pano de alto a baixo.

- *Deixa lá!* – diz a progenitora para o preocupado pai do pimpolho – *Se rasgou, rasgou! Que é que se pode fazer? Não é?...*

Penduradas nas prateleiras, criancinhas remexiam os stoks, sob o olhar embevecido dos seus progenitores. Derrubavam caixas, pisavam cadernos, rasgavam embalagens...

Tive dose dupla de Vitinho, pois reencontrei-o no restaurante do centro comercial.

Pelos olhares de incómodo dos clientes, presumo que a cena já ia a meio, mas ainda fui a tempo de presenciar o final. Com os pés em cima de uma cadeira, o Vitinho ensaiou um salto acrobático para uma outra cadeira da mesa ao lado. Falhou a tentativa, agarrou-se à toalha e foi um mar de vidros pelo chão.

- *Vitinho, vem já aqui! Vês o que fizeste?*

O Vitinho respondeu à querida mamã com um tiro de pistola de plástico. Mas errou a pontaria e o projectil aterrou na sopa do cliente da mesa ao lado.

- *Ó Vitinho, não vês que estás a incomodar estes senhores?*

- *Cala-te! Não sejas parva!* – retorquiu o catraio. E, aí, entrou em cena um pai assanhado:

- *Vitinho, vem já para a mesa! Ouviste? Estás a ouvir? Tu queres que eu me levante? Queres? Queres? Olha que eu levanto-me! Eu levanto-me mesmo, ouviste? Já estou a perder a paciência! Já para a mesa, vá! Estás a ouvir? Queres levar? Olha que levaste!*

*Estou quase a levantar-me. Olha que, se eu me levanto!... Olha que eu vou-te bater! Olha que vou mesmo! Já me estou a enervar! Tu não ouves? Vem sentar-te!*

Depois, com mais jeitinho, mas culminando num apelo:

*- Vá, não sejas feio. Vem sentar-te, que eu mando vir um gelado dos que tu gostas. Olha o senhor! Cuidado! Desvia-te!*

O empregado de mesa ainda rodopiou, furtou-se à carga do Vitinho, mas a bandeja voou, e a travessa das carnes acabou em cacos espalhados no chão do restaurante.

*- Estás a ver? Não te disse? Vem sentar-te agora. Vá! Pede desculpa ao senhor. E já!*

*- Vai à merda!* – foi a resposta que o extremoso pai recebeu. Reagiu com um sorriso que mais pareceu um esgar de dor. Em redor, os clientes abanavam as cabeças, ciciavam repúdio.

Sinto um travo amargo ao redigir este tipo de descrições. Faço-o por partilhar o princípio da Clarice: *"escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa, mas há gente que está querendo desabrochar de um modo ou de outro"*. Não acredito que muitas mais gerações de pais sobrevivam ao inferno que ajudaram a criar. Quem vive em desajuste entre intenção e gesto, transforma-se em sombra. Se uma criança for educada na verdade, se pressentir a verdade nos seus educadores, crescerá em verdade e de verdade. Os seus pais devem levá-las a aprender a resistir a frustrações. A criança precisa ser contrariada, mas também precisa errar...

Nós já sabemos que a educação de uma criança começa vinte anos antes de ela nascer. Também já nos habituámos à lengalenga da “crise das instituições”. É bem verdade que a Família já não é o que era, que a Escola está em decomposição acelerada, que a moral vigente é caduca e assenta numa trágica inversão de valores. Pois! E depois?... Iremos passar o resto das nossas vidas a carpir desgostos, ou tentando extirpar a infelicidade em todos os lugares onde se acoite?

Já conhecemos a escolar arenga do “já não é como antigamente, já não há respeito”. As famílias argumentam que a culpa é da perda de autoridade dos professores. E a culpa morre solteira.

Há cursos para tudo: para engenheiro, para canalizador, para médico, para astronauta... Só não há curso para ser pai e mãe, que é a missão mais provável que um ser humano pode desempenhar.

As nossas crianças sobrevivem entre dois fogos, numa guerra de trincheiras: de um lado, pais “modernos”; do outro, professores que se demitem de o ser. A estes dedicarei o próximo escrito.

## ***Perfilados de medo***

Há muitos anos, visitei uma escola secundária, que vivia em estado de sítio. Fui até lá, correspondendo ao apelo de um grupo de professores, qual pronto-socorro de projectos, exercendo solidariedade no interior deste país de brandos costumes. Cheguei a tempo de assistir a um episódio que correspondia a outras situações antes descritas pelos professores com quem trocara correspondência.

Quando entrava, quase fui atropelado por professoras em louca correria. Outras estavam “perfiladas de medo”, coladas às paredes dos corredores, enquanto por elas passavam hordas de furiosos jovens. Quando consegui estabelecer diálogo com uma das ofegantes colegas, fiquei sabendo que ela tinha acabado de retirar a sua viatura incólume do parque de estacionamento da escola, mas que outras não tinham tido sorte, pois os seus carros ficaram com vidros partidos, por efeito de pedradas. Gerara-se confronto entre gangs de alunos. E até mesmo um polícia, que interviera na refrega, havia ficado sem a sua pistola. A escola vivia num caos permanente.

Quando a tempestade pareceu amainar, entrámos para uma sala. Conversámos. Quis saber se a escola dispunha de um regulamento. Responderam que havia, mas que eram frequentes as repreensões, as faltas disciplinares, os processos disciplinares, as suspensões temporárias e até mesmo expulsões de alunos. Respondi que não era isso que eu pretendia saber. E que as faltas e expulsões nada resolviam.

Gerou-se alguma perplexidade. Perguntaram-me se eu estava ali para ajudar, ou para criticar. Acalmei as hostes e insisti na ideia de analisar o “estatuto disciplinar do aluno” que, entretanto, alguém tinha ido buscar ao directoral gabinete. Li-o. Era um repositório de proibições. Quase todas as alíneas começavam pelo advérbio “não”. Os professores assentiram que os alunos não tinham participado na redacção das regras. Mas:

– *Que é que os alunos têm a ver com isto?* – inquiriu uma professora mais exaltada.

– *Têm tudo, colega* – ripostei, com algum cuidado, pois o ambiente estava muito tenso – *Se os alunos não participam na elaboração de um regulamento, dificilmente o compreenderão, e muito menos o hão-de cumprir.*

– *Isso é tudo treta, colega! Vê-se bem que não trabalha nesta escola! Fala como um extra-terrestre... E eu não estou para perder mais tempo!* – e dali se foi, resmungando.

Pedi às que ficaram que lessem a primeira alínea do regulamento disciplinar. Leram: “*Não podes fumar no WC*”. E eu perguntei:

- *Se algum jovem ler esta proibição, como reagirá? Certamente, irá ao WC tirar umas passitas, só para “chatear os setôres”. É ou não é?*

Por ali fiquei, mais de três horas, escutando as professoras que, confiando na minha discrição e solidariedade, desocultaram factos que pareciam extraídos de um qualquer filme de terror: um aluno do décimo ano apontou uma navalha à professora; outra professora foi encostada ao fundo da sala e, não fora a intervenção de um colega, arriscar-se-ia a ser violada. E mais não conto, porque julgareis inverosímil a narração...

No fim da reunião, fui dizendo às professoras que, para o médico, o problema não é o doente mas a doença, e que o mesmo se aplica ao professor: o problema não é o aluno. Se um aluno denota desajuste e comportamentos “disruptivos”, ou o aluno está doente, ou está doente a escola. Ambos padecem de uma enfermidade que urge diagnosticar e sanar. E isso não se consegue com recurso a proibições e sanções. Uma ferida profunda e gangrenada não se cura com pensos de mercuro-cromo...

Perante as adversidades, esmagados entre as representações e atitudes dos pais dos seus alunos e as agruras de um difícil quotidiano, muitos professores optam por uma saída pela porta do fundo, enfeitando a centralidade do seu papel. O que poderá explicar que uma escola só se aperceba de que uma criança encontrada morta na rua era aluno seu, apenas quando comparou a fotografia do morto com a da caderneta do professor? Porquê esta trágica impessoalidade, esta desumanização? Na base das dificuldades de controlo de impulsos agressivos não estará uma pretensa “neutralidade” na relação?

A degradação do sistema de relações pode ser um dos factores de indisciplina. Mas eles são múltiplos e deverão ser abordados de modo sistémico. Muita da indisciplina que povoa as nossas escolas resulta, também, da insegurança e do medo – um *“medo que nos salva da loucura”*, como diria o O’Neil, no seu poema – que remete o professor para uma atitude defensiva, garantia de sobrevivência.

O medo é o filho dilecto da solidão do professor. Os professores carecem de interrogar uma Escola sem sentido e de resgatar a solidariedade perdida num solitário exercício da profissão. Precisam ir mais fundo na identificação das causas da degradação do sistema de relações, que conduz a fenómenos como a indisciplina. Urge que o professor se decifre a si próprio, para que possa decifrar e erradicar violências que se ocultam por detrás de aparências, para que consiga compreender que o medo que o “salva” da loucura é da natureza do que lhe confere o direito de expulsar alunos, que o medo que impele os alunos à indisciplina é da mesma natureza da infelicidade do professor. E por aqui me quedo, pois o Marcos está a fitar-me, como quem lê pensamentos...



## ***Gracias a la vida***

Os olhos do Marcos ficaram presos a um concílio de pássaros, que animava o telhado da casa do vizinho. O seu olhar virginal fixou-se no bater de asas de pássaros em busca de lugar de fazer ninho. Quedou-se deslumbrado no escutar de pássaros que cantavam a genuína alegria de existir. E eu quedei-me a observá-lo.

Presto atenção ao que prende a atenção do Marcos e, nessa atitude, vou aprendendo a ver. A ver... e a ouvir. Há uns dias atrás, o Marcos reagiu de modo semelhante à contemplação dos pássaros. Ficou hirto e absorto, quando o som do piano de um concerto de Ravel cedeu lugar à voz de Herbert Pagani, cantando uma canção da Violeta Parra: *“gracias a la vida, pour les chants d'oiseaux, après la pluie soudaine...”* Que se abram os olhos e os ouvidos ao entendimento dos sons do mundo. Sei o quanto é importante que o Marcos escute sons que despertem a sua sensibilidade.

O Sandro era menino de rua e de seita, de fugir ao polícia que caçava bolas de futebol jogadas por pés descalços. As escolas do seu tempo, exclusivamente preocupadas com um decorar do sem sentido, ignoravam que o saber vai a par com o saber ser, vai a par com o desenvolvimento emocional, o afectivo, o moral, o sensível, o estético, o ético... Por aí nunca o Sandro acederia à gostosa fruição de Bach ou Vivaldi, que lhe amaciasse o rude temperamento e abrisse o seu coração à música dos pássaros.

O professor do Sandro (bem diferente da maioria dos professores do seu tempo) sabia que, se os estômagos dos seus alunos estavam quase sempre vazios, os ouvidos andavam cheios de “música fácil” (era assim que o professor lhe chamava) e, por isso, reagiam negativamente ao afago de sons de organização mais complexa.

A princípio, não foi nada, mesmo nada fácil convencer a criançada de que só se ama o que se conhece e que quanto mais se conhece mais se ama. O professor perfumava a sala de aula com o som dos “clássicos”, enquanto inventava formas de enganar a fome que roubava as forças dos seus alunos e os levava a adormecer durante as aulas.

*- Ó Professor, o Sandro está a dormir! Isso é mesmo música para dormir!*

O professor não se deixava intimidar. E as “Quatro Estações” repetidamente afagaram os empedernidos ouvidos dos alunos, até ao dia em que uma zelosa funcionária de limpeza resolveu passar o pano do pó sobre o disco de vinil. A agulha rasgou um novo e profundo sulco no disco, que calou para sempre o Vivaldi. Em abono da verdade se diga que para sempre não foi. O silêncio foi de curta duração. Certo dia, no tempo de trabalho em grupo, o professor viu, num canto da sala, três alunos (entre os quais, o

nosso Sandro), de olhos fechados e mãos dadas, balanceando as cabeças. Aproximou-se a tempo de os ouvir trauteando o segundo andamento do concerto de Inverno das “Quatro Estações”. Se houve dias em que as lágrimas irromperam súbitas e jubilosas, esse foi um deles. Esse professor viveu muitos momentos assim, momentos em que a emoção impele a procurar um espaço de intimidade, para que as lágrimas fluam cálidas e livres, e sejam a humana expressão do divino.

Nos primeiros alvares da Primavera, as janelas da sala de aula abriam-se ao alarido dos pássaros e aos sussurros da brisa, que agitava o verde da folhagem e que levava os ramos a afagar os vidros. *“Graças a la vida, merci l’existence, pour ces yeux que j’ouvre, quand le jour commence...”*. Nos ramos das árvores, como na sala, a azáfama dos pássaros e das crianças era acompanhada de cânticos de graças. Cânticos matinais, para agradecer à vida todas as cores que um dia tem. Cânticos de entardecer, de gratidão pelo amor partilhado, que não se explica, mas se vive.

Esta história ainda não chegou ao fim. Voltemos ao Sandro, que deixámos a dormir na sala de aula... O moço abandonou os estudos no fim da primária. Levou consigo para uma vida de trabalho duro o que o professor conseguira ensinar-lhe nos intervalos das sonecas. E levou o gosto pela música dita erudita. Ainda que, lá no bairro, os companheiros de miséria se rissem das estranhas melodias que ele assobiava.

O professor desta história já se havia aposentado. Certo dia, no fim de um dos seus passeios matinais (os velhos acordam com os pássaros), os seus olhos fixaram-se nuns olhos que lhe sorriam.

- *O professor não me está a reconhecer, pois não?*

Não, não estava. Naquele homem de barba hirsuta somente reconhecia o olhar. Era-lhe bem familiar. Mas de onde?...

- *Sou eu, o Sandro, professor. Não se lembra de mim?*

O professor poderia lá esquecer-se do aluno que adormecia de fome.

- *Então, que é feito de ti?*

- *Trabalho e estudo, professor. Estou a acabar Engenharia.*

*“ Gracias a la vida, pour le chant des peuples qui brisent leurs chaînes... »*. O Sandro havia contrariado o fatalismo da miséria. E por ali ficaram, conversando sobre dificuldades e alegrias, até que abalaram, cada qual para sua casa.

O Sandro despediu-se, com a promessa de reencontro para breve:

- *Não me esquecerei de lhe trazer um Rigoletto que tenho lá em casa. É com a Callas e Gobbi. O professor vai gostar de ouvir.*

## ***In illo tempore***

Não há nada melhor que ficar atento ao olhar do Marcos, para confirmar que o não-verbal fala mais alto que o verbal. O meu neto fala com o olhar, adivinha intenções. Ou, então, serei eu quem lhe põe intenções no olhar... Não sei...O que sei é que conto ao meu neto histórias que muitos olhos recusam ler. Olhos viciados perderam dons, mas os seus olhos de criança ficam suspensos das reticências que, propositadamente, semeio no meu discurso. Ele observa-me, enquanto eu deito um olho às suas deambulações pelo meu escritório e outro ao jornal (vantagens de um avô estrábico). E foi um artigo de jornal que despertou um recanto da memória e me alertou para mais uma perversidade, entre as muitas que o modelo tradicional de escola engendra.

Os disparates que porquenãos e bonifácios debitam nos jornais são tantos, que, por norma, resisto à tentação de reagir, de comentar. Mas, desta vez, não resisti a partilhar com o meu neto e confidente uma reflexão. E logo deparei com uma dificuldade: os seres humanos de tenra idade não possuem a capacidade de digerir absurdos.

Outra solução não me restou, senão a de transformar a reflexão em história. contei ao Marcos que, *in illo tempore*, era costume os professores juntarem alunos em grupos a que davam a designação de “turma”. Tive de explicar ao meu neto o que era uma “turma”. Tarefa difícil! A cada olhar de estupefação do Marcos, a narração foi sendo entrecortada pela definição de conceitos, sob risco de o Marcos perder o fio à meada.

Passei pela provação de tentar explicar o inexplicável. Amiúde, o semblante incrédulo do meu neto derrotava a minha argumentação, pelo que me socorria da expressão *in illo tempore*, para o tranquilizar, dando a entender que os factos narrados já não sucederiam nos dias de hoje.

Sem correr o risco de ofender a inteligência de uma criança, como é possível explicar-lhe que professores (*in illo tempore*, claro!) dessem “aulas” a “turmas”, ensinando a todos como se o todo fosse um só? Como explicar que não se apercebessem de diferentes ritmos de aprendizagem? Como explicar que os professores não reconhecessem em cada criança um ser único e irrepetível? Como explicar que juntassem todos os alunos, num mesmo tempo, num mesmo espaço, nas mesmas condições de pressão e temperatura, e a todos aplicassem testes iguais para todos, fazendo perder um tempo precioso aos que sabiam a matéria e impondo chancelas de ignorantes aos que a não sabiam?

De surpresa em surpresa, o Marcos foi-se apercebendo de outros absurdos. Associada à aplicação simultânea de testes, ocorria a probabilidade da utilização de cábulas e "copianços".

*In illo tempore*, porquenãos e bonifácios faziam a apologia dos exames, talvez porque não soubessem distinguir um professor de um polícia. Ou porque, ingenuamente, admitissem que educadores convertidos em "vigilantes" pudessem dar garantias de que nenhum dos alunos sujeitos à “roleta russa” de um exame ousasse “copiar”.

Fiz uma pausa na minha narrativa, para dar tempo ao meu neto de respirar fundo e recuperar da perplexidade. Li-lhe uma frase extraída do “Emílio” (de Rosseau): “*Tudo é perfeito quando sai das mãos de Deus, mas tudo se corrompe nas mãos do Homem*”. Depois, para o sossegar, disse-lhe que o Rosseau não tinha toda a razão. Que é possível reinventar a Escola, porque nem é obra de Deus, mas do Diabo, como defendia um senhor chamado Ferrière.

Eu sublinhava insistente a ancestralidade dos factos que ia narrando ao meu neto, sempre que pressentia a sua virginal perturbação. *In illo tempore*, para sublimar a impaciência que conduz ao desespero, o avô brincava com os absurdos. Ilustrei essa possibilidade, evocando um episódio. Alguém me pediu opinião sobre a praga do “copianço” nos exames. Eu respondi que, sendo esse um fenómeno tão corrente, numa perspectiva de equidade e de democratização do ensino, se deveria dar a todos os alunos as mesmas oportunidades de “copiar”. Recomendei, pois, que se acrescentasse ao currículo oficial uma nova disciplina, que poderia ser designada por “métodos, técnicas e instrumentos de copianço”...

Retomei a seriedade da narrativa, que o meu neto merecia, para lhe apontar uma evidente perversão engendrada pelos exames. As provas eram distribuídas, de escola em escola, por técnicos de segurança e por policiais. E a permanência de professores nas salas de exame decorria do mesmo pressuposto que justificava o ridículo aparato policial do transporte e distribuição dos testes. Isto é, a atitude dos educadores investidos em funções de polícias assentava no pressuposto de que, até prova em contrário, todos os alunos submetidos a exame eram... seres potencialmente desonestos. O que haveria de educativo nesta atitude?

A resposta foi um espanto de olhos esbugalhados. E eu insisti: consegues imaginar, querido Marcos, escolas onde nada se criava e tudo se copiava?

Nem eu! É coisa de antigamente. Só poderia ter acontecido *in illo tempore*, no reino dos porquenãos e dos bonifácios.

## Olhares e modos de ver

O Marcos está sempre distraidamente atento aos mínimos detalhes. Quando penso que dá atenção ao deslizar dos dedos do avô no teclado do computador, ele presta atenção ao que me prende a atenção. Ora brinca ao sério, ora finta-me o olhar, levando-me atrás de algo só visível através dos olhos de uma criança. Vou reaprendendo a ver, sem deixar de lhe dar conselhos rotulados de tolos pelos sensatos...

- Marcos, nunca percas o sentido lúdico da vida. É o modo mais sério de estar vivo. Deixar de brincar é pecado mortal, a perda do sentido do existir. Sempre que as acções dos homens não façam sentido algum, brinca. Brinca! Quando a cupidez humana pretender transformar os teus sonhos em pesadelos, brinca, sê corajoso.

Como diria a Fernanda, a coragem não é a ausência do medo. E, perante pessoas que perderam a capacidade de ver, os sonhos são vontades que parecem impossíveis de realizar, mas que habitam um outro plano, até termos a coragem de os trazer para perto de nós. Para os olhos comuns, há coisas que nem os pássaros conseguem explicar, mistérios que pairam entre o céu e a terra...

Porque falo de olhares e modos de ver? Porque me incomodaram alguns olhares de pena, que vi dois educadores lançarem sobre uma criança dita deficiente.

Os diferentes não precisam de piedosos olhares, mas da prática de uma “inclusão” que ainda não passou de enfeite de tese. Irritaram-me os olhares, mas não dei a perceber. Brinquei! Numa dupla ruptura de olhar – uma técnica em que o Marcos é especialista e meu mestre – afivelei um sorriso e optei por narrar aos pios educadores um episódio exemplar.

Certo dia, fui fazer uma palestra. Parque de estacionamento com lotação esgotada, uma condutora em desespero, três voltas ao circuito... Reparei em dois lugares desocupados e apontei para lá. A condutora respondeu:

- *Então o professor não vê que são lugares destinados a viaturas de deficientes?*

- *E então?... – retorqui, apontando para os meus olhos de estrábico.*

A condutora sorriu, encolheu os ombros, encostou, suspirou de alívio. Uma corrida depois, a minha companheira de viagem contava à plateia o sucedido, para justificar o atraso e criar ambiente. E o episódio relatado foi pretexto para a primeira intervenção no debate sobre... “inclusão”. Talvez para gerar informalidade, uma participante atirou um chiste:

- *O colega fala do assunto com conhecimento de causa, porque também é deficiente...*

Resgatei o gracejo e continuei no mesmo tom o diálogo que reproduzo:

- *A senhora importa-se de dizer o que entende por “deficiente”?*

- *Deficiente é toda a pessoa que tem qualquer a menos do que uma pessoa normal.*

- *Então, se esse é esse o conceito de deficiente, diga-me, por favor, de quantos modos a senhora vê.*

- *É claro que eu vejo como uma pessoa normal, de uma só maneira!* – exclamou a minha interlocutora de visão normal.

- *Pois eu vejo de três modos diferentes. A senhora consegue fazer o mesmo?*

- *Claro que não!*

- *Então, se a senhora vê de um só modo e eu consigo ver de três maneiras diferentes, qual de nós será “deficiente”?*

- *Ele não é deficiente, mas é louco* – murmurou a senhora “normal”.

Dizia o Jung que cada indivíduo representa uma nova experiência de vida. Cada ser humano é único e irrepetível, e será preciso que os educadores saibam encarar o diferente com a mesma alegria que a sua mãe teve ao dá-lo à luz.

O que é “deficiência” e “normalidade”? A resposta é conforme aos olhos que vêem. Ser louco é “normalidade” num mundo ao contrário. Loucura e génio são parentes. Os grandes génios poderiam ter nascido “deficientes”.

Foram os desajustados de todos os tempos que nos legaram o que de mais sensível e belo o ser humano produziu. Deficientes serão, porventura, os que semeiam a morte nos campos de batalha da Ásia e espalham doença e fome na África?

Deficientes, ou normais? Loucura, ou génio? Tudo depende da perspectiva...

Há muitos anos, escrevi um livro a que dei um título divergente, “anormal”: *“Quando eu for grande, quero ir à Primavera”*. Estamos em pleno Abril, mas ainda espero a “Primavera”, porque sinto que só agora aquilo a que chamamos “Escola” começa a sair de um longo, muito longo Inverno de indiferença perante a diferença.

O Drummond – tal como a Cora Coralina, o Manoel de Barros e outros – via o que só um modo “diferente” de olhar permite ver. Encontrava beleza (ou reinventava-a) onde os “normais” nem sequer suspeitavam que existisse:

*“Uma flor nasceu na rua!*

*E, lentamente, passo a mão nessa forma insegura.*

*É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”*.

Para quem sabe ver, uma palavra vale bem mais que mil imagens...

## Herrar é humano

Foi tal a insistência do meu neto, que não resisti a fazer-lhe a vontade. Aproveitei a interrupção da actividade lectiva da Páscoa, para o levar a conhecer uma escola. Em tempo de férias escolares, poupá-lo-ia à visão dantesca de um intervalo de aulas, onde o *bullying* já é uma fatalidade. Porém, as coisas não me correram de feição...

Primeira estação (ou não estivéssemos na semana santa...): um portão fechado, dois olhos inquisidores numa face carrancuda, e a interpelação feita numa voz ameaçadora:

- *“Que deseja? Estamos fechados!”*

Disse ao que ia, que era um avô, querendo satisfazer a curiosidade do meu neto, que queria ver uma escola por dentro.

- *“Lamento, mas a escola está fechada. Está tudo de férias. Só cá estão os senhores doutores do conselho directivo.”*

- *“Eu sei! – respondi – mas importa-se que dê uma voltinha pela escola? Não demoro!”*

- *“Só um momento, não saia daí, que eu vou ver o que se pode fazer”* – respondeu o do bunker. O Marcos estremeceu e abraçou-se à minha perna: - *“Ó avô, aquele senhor é polícia? Tenho medo, avô!”*

O que eu temia aconteceu. A primeira impressão foi de medo. A frágil representação que o meu neto teria de escola em nada corresponderia ao que ele presenciou. E, mesmo para um adulto que pense, é assustadora a ideia de as escolas se manterem fiéis ao paradigma da escola-presídio, adoptado pelas suas congéneres do século XIX, que, até na arquitectura, sejam conformes ao modelo de escola-caserna, que inspirou os seus diabólicos criadores. Enquanto cogitava sobre o conceito muito em moda de *“escola integrada na comunidade”* (uma das muitas tretas com que são enfeitadas as teses), sossegava o meu neto, falando-lhe de escolas que não têm portões fechados, nem vigilantes, nem obrigam ao uso de cartões magnéticos, para acessar aos seus mistérios. Ficámos esperando do lado de fora, até que o portão se abriu e o vigilante me pediu o bilhete de identidade. Entregou-me um cartão para pôr ao peito. Uma funcionária aproximou-se e avisou:

- *“A senhora doutora deu-me ordens para o acompanhar. Mas pede que seja breve a visita! Faz favor, por aqui...”*

E lá fomos levados, corredor após corredor, pela enfadada funcionária, cujo passo estugado o Marcos não conseguiu acompanhar. No meu colo, espreitando salas todas

iguais, mesas alinhadas em filas voltadas sempre para o mesmo lado, ciciou-me ao ouvido: - *“Onde estão os meninos, avô? Onde estão os meninos?”*

La responder que era tempo de férias, mas não concluí a frase. O Marcos sobressaltou-se com o estrépito da campainha ressoando medonha pelos corredores desertos. Não havia aula, nem alunos, mas a campainha soava rotineira e absurda, como o resto.

Em escassos minutos, estávamos de saída, cartão devolvido, portão fechado nas nossas costas. Menos tenso, o Marcos ligou a máquina de fazer perguntas. Pergunta de criança não é como pergunta de adulto. Responder a adulto é fácil, mas um avô está proibido de mentir. As perguntas surgiam em catadupa e eu ficava constrangido, sem saber que dizer. Até que ele afogou a curiosidade num gelado de chocolate. E, enquanto o Marcos se lambuzava, eu reflectia sobre o drama dos directores que (só por ingenuidade) crêem ser possível dirigir uma escola a partir de um gabinete. Pensava em gestores escolares que tudo subvertem a uma lógica que esvazia as escolas de qualquer sentido. E que pensar dos professores que, passivamente, consentem que o absurdo se mantenha?

Conheço tantos educadores prenhes de sonho e bondade, gente que encontro, quando já penso não haver mais para encontrar, e que seriam bem capazes de inverter o destino da escola. Tanta bondade desperdiçada, tantos sonhos assassinados, que até dói!

Continuo sem entender por que razão muitas escolas erguem barricadas, quando as imperfeitas instituições que as inspiraram já denotam alguma abertura à sociedade. Vivemos ainda o tempo da proto-história da humanidade. Mas a demanda civilizacional já levou a que até mesmo nas prisões soprassem ventos de liberdade e que muitos quartéis já fossem transformados em pousadas para turistas. O que leva as escolas a fecharem-se na concha da auto-suficiência, a refugiar-se atrás de muros protegidos por guardas, como um condomínio fechado?

Temos escolas habitadas por excelentes profissionais. Porém, se alguns consentem que a degradação os degrade, outros desistem. Agito-os, desassossego-os, mas respondem:

- *“Tens razão, é preciso mudar esta escola ensimesmada, que só produz insucesso, exclusão, violências... Mas eu tenho medo de errar.*

A insegurança e o medo, sempre o medo! A idealização da profissão em contraste com a rudeza do seu exercício. Um exercício solitário. Uma solidão absurda. Mas o que quer que seja que um professor faça para afectar o *status quo* das escolas é positivo. Como diz o povo, em linguagem de gente, *pior do que está não pode ficar*. Portanto, faça-se! Erre-se! De preferência, aceitando os erros alheios como degrau para a transcendência.



O Rogers escreveu: *“quanto mais um indivíduo é compreendido e aceite, maior tendência tem para abandonar as falsas defesas que empregou para enfrentar a vida, e para progredir numa via construtiva”*. E um Marcos, que vive do outro lado do mar, perguntou-me: *“como pode estar a Escola enraizada no mundo de hoje – único ponto de partida para a transformação – e, ao mesmo tempo, inaugurar os valores, as práticas e as relações que já inauguram o mundo que almejamos construir?”*

A resposta é simples: errando. Errar, aceitar o erro (o nosso e o dos outros) é o caminho para uma possível redenção da Escola. Errar no duplo sentido da palavra: quer se trate de vaguear por caminhos incertos, quer signifique o desacertar, que fique a intenção e o reconhecimento de que *“errare humanum est”*.

## Tudo era possível

Acontece um tempo nas nossas vidas em que ficamos órfãos dos nossos filhos. Porque os amamos e os queremos com vida própria. Porque, como diria o Kalil Gibran, “uma árvore não cresce à sombra de outra árvore”. Porém, o nascimento de um neto é como o regresso de um filho pródigo. Voltamos ao tempo de contar histórias. Mas, desta feita, não apenas as que falam de duendes e fadas. Outras histórias assomam na memória dos avós. O envelhecimento ilumina a memória de longa prazo. E é frequente que eu conte ao Marcos histórias do tempo em que fui menino. Para o Marcos são tão reais e verosímeis como as que falam de princesas encantadas e de príncipes.

Fui com o Marcos até à beira do rio. Fui de mão dada com o meu neto, para fruir a confiança absoluta que segura a minha mão. Uma criança pertence ao que está acontecendo à sua volta. Ela é o que está acontecendo. Se o acompanho na identificação com o aqui e agora, reencontro-me com o movimento livre da criança que fui, reaprendo a tudo ver como se fora a primeira vez.

Enquanto ele seguia com o olhar o barco que ligava as margens, eu cerrava os meus olhos e via barcaças de carvão coladas à amurada de Massarelos (que fazer, para tornar mais leve o peso da memória?), ouvia o chape-chape das águas comprimidas entre as madeiras, o ranger das pranchas que ligavam o cais às barcaças. Quais formiguinhas, jovens de cesto na cabeça corriam sobre as pranchas como atletas em cama elástica, gestos dançarinos suspensos sobre o vazio, tem-te-não-caias, num equilíbrio precário. Ou milagre de S. Nicolau, pois, se a todo o momento, se adivinhava o escorregar na prancha lodosa e a queda, não me recordo de ter visto cair nas águas uma sequer.

- Avô, o que é aquilo? – perguntou o Marcos, olhando a ponte. Enquanto respondia, via-me em raids suicidas sobre o arco de betão incompleto da que viria a chamar-se “Ponte da Arrábida”. Transpúnhamos as águas e estávamos na outra margem. Na Afurada, éramos corsários lançados à abordagem de traineiras amarradas ao cais. Fugíamos, nadando, e depositávamos os tesouros (um pedaço de cordame, um pedaço de rede roubada, um prego enferrujado, não importava qual fosse o produto do saque...) nas ruínas de uma fábrica abandonada na encosta sobranceira ao rio, que era a nossa mina de Aladino.

Quando o sol acordava, encontrava-me atento ao agonizar do peixe, no fundo de um caíco. E, quando o dia se extinguia em vermelhos gritos, encontrava-me debruçado na

varanda em frente ao Douro da minha infância, na contemplação do acostar dos barcos rabelos ao cais de Gaia, absorto em viagens imaginárias.

Em infantis lucubrações também ficava, quando me sentava junto da Miquinhas, que lavava a roupa carregada à cabeça, escadas do Codeçal abaixo. Certo dia, um empurrão despertou-me das divagações e fez-me mergulhar no rio. Lembro-me de ter vindo à superfície, depois de engolir uma substancial quantidade de líquido misturado com sabão. E de não ter um braço salvador à minha espera. Só risos e incitamentos. Foi nesse dia que descobri que sabia nadar...

- Avô, olha! Olha! – O Marcos estendia os braços, para alcançar as gaivotas que voavam perto. Os olhos do Marcos encheram-se de gaivotas. Os meus viram, por instantes, o cadáver do João rodeado de gaivotas. Faria dezoito anos no dia em que escolheu o rio para partir sem barco e sem regresso. As mesmas gaivotas que, fugindo a um mar revolto de Inverno, pousavam nos vagões do carvão, em S. Nicolau.

Como o avô tivera tempo de as observar! Em manhãs gélidas, expostas ao vento cortante de Dezembro, as crianças de há cinquenta anos esperavam horas a fio, nas filas de receber duas batatas raquíticas e um rabinho de bacalhau, o “bodo de Natal dos pobres”. As mesmas crianças que disputavam com as gaivotas os restos de sável que as peixeiras abandonavam no cais. Nesse tempo, a fome não matava apenas crianças na Etiópia, nem nos entrava em casa sob a forma de notícia de TV. Não havia televisão, e a fome era convidada que se impunha na mesa de muitas crianças da beira-rio.

O olhar da criança que fui toldou-se de uma névoa cristalina, que confundi com a que vinha descendo sobre as margens. Os olhos do Marcos estavam prenhes da luz que vinha do rio. Não era apenas o olhar, mas todo o corpo do Marcos que estava envolvido na contemplação dos reflexos nas águas. Sem que tivéssemos dado por isso, os candeeiros já tremeluziam. Deixámo-nos ficar por ali. E nem demos pelo anoitecer.

Empreendemos o regresso, passando em frente à antiga escola. Desta vez, não foi o Marcos quem perguntou; fui eu: - “Queres saber o que foi esta casa, antigamente?”

Enquanto lhe falava do meu tempo de escola, via-me no Portugal cinzento de há cinquenta anos. Havia quem quisesse o povo analfabeto, alegando que o aprender a ler era um acto subversivo. Os miúdos ranhosos, os “selvagens da beira-rio”, como lhe chamavam, eram um estorvo. Entregavam-lhes uma caneta de aparo, para molhar no tinteiro e fazer cópias, ditados. Davam-lhes uma lousa e uma pena, para copiar tabuadas, fazer contas, problemas. Davam-lhes bofetadas, bolos nas mãos...

Quando soava a sineta, alheios aos avisos, imprecações e insultos do mestre-escola, partíamos para o cais da Ribeira, onde a vida nos esperava para ser aprendida.

Ao nascer, perdíamos o aconchego e protecção do útero materno. O murmúrio das águas envolvia-nos numa nostalgia de líquido amniótico, que lavava as feridas recebidas na luta pela sobrevivência. Era curto o tempo de ser criança. Há quarenta anos, deixei a seita dos Tigres da Vitória, desertei dos renhidos combates com os Índios da Cordoaria, deixei dezenas de amigos junto ao Douro da minha juventude. E fui pela vida...

Enquanto caminhávamos, o Marcos deleitava-se em descobertas, e eu afogava-me em reminiscências lúgubres. Imagino que o meu neto reagisse com um sorriso às descrições do quotidiano das crianças de há cinquenta anos. Mas não me sobrou coragem para lhe contar histórias de meninos a quem a vida cedo roubou os sonhos.

A cultura ocidental não prepara as crianças para a difícil transição entre o mundo do imaginário e o mundo real. Existe a dificuldade de explicar às crianças que nem tudo acontece como nos contos de fadas. Mas também que nem tudo tem por força de se subordinar à dureza dos dias. Há cinquenta anos atrás, cedo se privava as crianças do mundo maravilhoso da invenção. No tempo em que o avô do Marcos foi criança, sublimava-se a fealdade no cadinho de uma fantasia que reinventava os dias. Sem adivinhar o que o Manoel de Barros viria a escrever, as crianças de há meio século também sabiam que “tudo aquilo que não é inventado é mentira”. Como sabiam que o Carlos Amaral Dias viria a sentenciar: que o se passa passa-se nas margens.

Por isso, íamos até às margens do Douro. No cais da Ribeira, tudo era possível.

## Conversões e resiliências

A janela do meu escritório é um ícone, através do qual alcanço o verde da vegetação, o azul do infinito. Um olhar desatento submete-se a ilusões de óptica e vê no horizonte um só maciço arborizado. Mas o olhar do Marcos, que vagabundeia numa vastidão de pormenores que a paisagem encerra, vê mais fundo, detecta sucessivos recortes, vales que se ocultam à visão bidimensional. E este avô aprendente segue a direcção do olhar do neto, para rever a paisagem onde se embrenhou fisicamente, vezes sem conta.

Foi no subir e descer daqueles montes que aprendi uma lição. Acreditamos que, atingido o cume de uma montanha, teremos atingido o limite do horizonte. Chegados ao cimo do caminho, apercebemo-nos de que ele se estende para o fundo do vale. Atravessado o vale, novo caminho segue, monte acima, até ao ponto em que será preciso descer para voltar a subir. E, depois, descer e subir e descer e subir e descer...

A caminhada ensina que não há everestes definitivos. O limite dos mares, as arestas dos abismos onde imperavam os monstros de todas as mitologias, tudo o que aparenta ser o último e definitivo passo não é mais que o primeiro passo de cada recomeço. Nesse entendimento, quando assisto ao desânimo de tantos professores, faço-lhes ver o quanto têm para andar, o quanto devem acreditar na passada. Falo-lhes dos educadores de todos os tempos que vão a seu lado, numa caminhada que não cessa. Falo-lhes de resiliência.

Encontrei o Alberto, à saída de mais uma visita à Ponte. Este jovem professor de Português diz-me que tem pensado em abandonar a profissão. É esta a sina das escolas que ainda temos. Se um ou dois professores tentam melhorá-la, logo vêm dez ou vinte para os impedir. Sucede o cansaço, o desespero, a desistência.

Nos professores que ainda não desistiram de o ser observo características comuns. Sabem, por exemplo, que uma teoria sem a caução da prática é estéril, e que uma prática que enjeite a reflexão crítica e os contributos da teoria é inconsequente. Sabem que, entre as condições indispensáveis para a concretização de um projecto, avulta a necessidade de todos os professores possuírem um completo domínio conceptual desse projecto. Sabem que as reuniões de professores não podem ser pautadas pelo predomínio das “opiniões” e por exercícios de senso comum pedagógico. Sabem ser necessário passar da discussão centrada em “impressões” para uma reflexão centrada na reinterpretção das práticas. Sabem que as conversas circulares, com gente a olhar para o relógio, somente servem para coleccionar actas, projectos de papel e faz-de-conta,

relatórios, mapas estatísticos, bugigangas que mantêm as escolas cativas de uma racionalidade administrativa e burocrática. Urge acontecer uma espécie de “conversão”. A professora amiga do Alberto era nova na escola e não conhecia os hábitos da casa. Levou um livro do Morin para a reunião do “pedagógico”. Foi fatal, pois não tardou a ouvir:

- *Olha esta, armada em intelectual! Era só o que nos faltava!*

- *Ó colega, eu encontrei este livro na biblioteca.* - titubeou a professora mais nova.

- *Vê-se bem que a colega ainda é nova, que ainda tem umas ideias esquisitas. Assim, não vai longe!* – replicou a professora mais velha.

Enganou-se a colega mais velha, pois a colega mais nova foi “longe”. Foi para longe daquela escola, peregrinar por outras “escolas” habitadas por sombras. Foi resistindo ao desdém e ao desânimo. Até ao dia em que encontrou um lugar a que pôde, finalmente, chamar escola. E, com professores a quem pôde chamar professores, ajudou a levantar um projecto resiliente.

Sei que o desafio é imenso e que poderá parecer inacessível a comuns mortais. Mas não o creiam. A formação profissional não nos qualificou senão para a reprodução de um só (e inquestionável) modelo pedagógico. Ainda hoje, chegam às escolas professores que não sabem por que fazem o que fazem, e que não fazem algo diferente por não terem sequer uma ideia do que seria possível ser feito. Por mais exagero que possa parecer ter posto na afirmação, é esta a dura realidade. Mas acredito que os professores são capazes de transcender os erros cometidos na sua formação.

O Nunziati dizia que *“não há mudanças nos nossos modos de fazer sem uma transformação nos modos de pensar”*. E, em contraponto com o desabafo do Alberto, um velho professor, que não envelheceu profissionalmente, disse-me: *“Há muitos anos, eu percebi que era um desqualificado com canudo. Admiti que nada sabia de ser professor, algum tempo depois de ter saído da escola do Magistério. Nesse tempo, a compreensão da dimensão do meu drama assustou-me. Reagi fugindo para a frente. Apesar das dificuldades defrontadas, preferi o caminho da autenticidade e do conflito. Recusei o fácil caminho de reproduzir o que é velho e não serve. Um dos modos de fugir para a frente foi estudar, penetrar os mistérios do fenómeno educativo. E ainda só vou no início...”*

Haja esperança de novas “conversões”, que não se convertam em desilusões. É preciso aprender a recomeçar. E a, serenamente, retomar o caminho que leva à cumeada, de onde se avista escolhos a transpor, novos caminhos para subir e descer e subir...

## Diotima

O nascimento de uma criança é coisa para celebrar, neste tempo de celebração da morte, em Madrid, Cabul, Bagdad, Londres...

Um amigo sensível descreveu o nascimento da sua primeira filha, numa mensagem de correio electrónico. O Marcos apercebeu-se da emoção que assaltou este avô piegas, enquanto lia. E não despegou os olhos dos meus olhos molhados. Não houve solução, senão ler a mensagem de modo que ele a ouvisse. Como a entendeu eu não sei. Sei que a escutou, muito atento, até ao final. Depois, voltou para as suas brincadeiras. Não manifestou estranheza, talvez porque a beleza seja sua companheira habitual.

Não consigo imaginar o alvoroço de alma do Amândio, perante a visão de uma criança rompendo um ventre de mãe. Nem esse sentir caberá em palavras. Mas ousou transcrever algumas das escritas pelo meu amigo, assumindo o pecado da indiscrição, para poder partilhar o que sinto: *Quando vi a Diotima sair da mãe, a minha primeira impressão foi a de um gesto repetido mil vezes, algo muito para além de uma vida. Senti-me um deus humilde e criador. Estava em contacto com a vida e também com os mortos. Olhei a janela, e a cidade estava envolta num vermelho como só em Roma, e só quando morre um imperador. A Lua Cheia erguia-se dominadora entre os sinais do céu. E tudo começa.*

O meu amigo e a mãe da Diotima são actores de teatro. Representam como quem respira. São dois seres que geram filhos com o mesmo amor de que é feita a sua arte. São inteiros e puros. Criança que, no útero, esteve atenta à doce música das suas palavras, criança que vai ser embalada em braços que geram beleza, nasce abençoada. Faz-se poeta ao nascer.

Quando outras crianças-poetas (é redundante, mas é propositada a justaposição) quiseram estudar a “cor das vogais”, o trabalho culminou em contributos para um belo livro, que dá pelo nome de “As palavras são como as cerejas”. Amiúde, leio para o Marcos alguns poemas desse livro, escritos pelos meninos da Ponte: *Esta palavra é amor / Aquela palavra é irmão / Esta palavra é espera / Aquela palavra é dor / Esta palavra é silêncio / Aquela palavra é beijo / Esta palavra é o pão / Aquela palavra é o linho / Cada palavra é um gesto / Cada gesto uma palavra / São a vida estas palavras.*

Estes versos aconteceram, como acontece a madrugada, no quotidiano de uma escola, onde a alegria e a tristeza – matéria de que é feita a poesia – andam a par. E, quando se pediu às crianças uma definição de escola, elas escreveram: *a minha escola é como*

*plantar um sonho no jardim das letras, é como chorar mil palavras num rio de lágrimas.*

A alegria e a tristeza das crianças são de natureza diferente do que um adulto sente. E só os adultos-poetas têm acesso ao sentir do mundo da infância. Os poetas e também os pais, os avós. Pois àqueles que forem (que forem mesmo!) pais e avós, ajusta-se o que Goethe escreveu: *A idade não nos torna adultos. Não! Faz de nós crianças de verdade.* O impulso poético revela-se e ganha raízes, se o aprender a ler e a escrever não for repetir carreirinhas de letras, mas um exercício de canseira e paixão. A poesia consubstancia-se na palavra escrita, mas não só – inscreve-se no mais íntimo acto de um educador.

Numa escola onde se respire poesia – lá volto a ser redundante, pois só haverá escola onde se respire poesia – a toda a hora, se reinventa a palavra: *“Gostaria de ser astronauta, para espiar as estrelas. Ser feliz é poder acampar nas nuvens de todas as cores. Em cada cor há um sentimento. Quando fecho os olhos, as cores estão lá. Eu vejo-as. Eu sinto-as. “Sinto tanta coisa cá dentro do peito. Eu acho que podia fazer um poema. Mas não consigo rimar”.*

Se a Diana não se apercebe de que está a inventar poesia que não rima, o Dario, moço-poeta de oito anos de idade, está consciente do seu dom. Numa manhã de escola, talvez inspirado no verde das árvores que o sol de Primavera sublinhava, foi um pequeno Lorca: *O amor é verde / Doce como pipocas / Mas com açúcar a dobrar / Cheira a carvalho / E é mais quente que um vulcão a ferver / Tem o som de qualquer coisa / De que eu não posso falar / Move-se como um caracol / Pois é leve / E faz-me sentir feliz.*

Voltemos à “cor das vogais”, evocando uma história antiga. Aquela em que um miúdo pergunta ao pai:

*Pai, qual é a cor do A?*

*Não sei, meu filho.*

E a todas as perguntas que o filho lhe faz o pai vai respondendo não saber...

*Pai, não te importas que eu continue a fazer perguntas, pois não?*

*Não, meu filho. Se assim não fosse, como te poderia ensinar todas as coisas?*

Assim vejo o Amândio, neste momento, falando com Diotima, num enleado olhar calado que tudo diz. Pois nem só de palavras vive a poesia. Também é feita da sabedoria dos silêncios. Sobre eles se constrói, tal como a música. E como dói encontrar adultos que não sabem que só a poesia é real!...



## Fronteiras e oportunidades

Sem premeditação, deixei o Marcos no cruzamento de três histórias. Foi o seu olhar sempre atento que me surpreendeu na encruzilhada narrativa. Se foi assim, assim teria de ser. Sem me dar à tarefa de as re-ligar, ou delas extrair uma moral comum, assim as deixo expostas a eventuais leituras.

Poderão dizer alguns especialistas que o estágio de desenvolvimento sócio-moral de uma criança com a idade do Marcos não comporta a compreensão profunda destas histórias. Mas que especialista será capaz de medir tal profundidade? E, se o Marcos me escuta sem pestanejar, é porque é tão profunda a sua compreensão, que entende que o seu avô está contando histórias a si próprio, enquanto as partilha com o seu neto.

A primeira aconteceu no fim dos anos sessenta, num tempo em que a juventude deste país tinha por curto horizonte uma guerra em África e fronteiras solidamente vigiadas. O João, futuro professor e protagonista comum das três histórias, era, ao tempo, um jovem quase a fazer vinte anos. Hesitava entre passar a fronteira e o ficar. Exilava-se cá dentro e por dentro. Habitava secretas fraternidades, que desenhavam futuros sem fronteiras nem medos. Eram fraternidades precárias, que sofriam a erosão das prisões da polícia política, desertificadas por sucessivas fugas para a aventura e para a morte.

Encontrou o Paulo, num cineclube e conversaram sobre o último filme do Bergman. O Paulo disse sentir-se sufocado pelo silêncio e pela indiferença reinantes no seu país de brandos costumes. Depois, foi cada qual para seu destino. O Paulo, sozinho. O João, seguido por um “cinzentão” da polícia política já seu conhecido de outros passeios.

Já passava da hora de jantar, quando o telefone tocou. Um irmão do Paulo perguntava se o João o havia visto nesse dia. Era o dia de o Paulo fazer dezoito anos. A festa-surpresa estava preparada, a mesa posta, mas o Paulo ainda não chegara a casa.

O João tratou de o sossegar. Eram nove horas da noite. Estivera com o Paulo até às oito horas. No caminho entre o cinema e a casa não gastaria mais de meia hora. Mas deveria ter-se encontrado com amigos. Estaria a comemorar...

Na manhã seguinte, o João passou pela casa do amigo, para lhe dar uns “parabéns atrasados”. A família estava ausente. Só a irmã mais nova o atendeu. Olhos chorosos, sem dizer uma só palavra, abriu a porta e, como era habitual, conduziu-o até ao quarto do Paulo. Em cima da cama, estava um poema de despedida. Na certidão de óbito, o médico registou a hora exacta do suicídio: “vinte horas e trinta minutos”.

No último ano dessa fatídica década, muitos amigos do João optaram por transpor a fronteira a caminho do exílio. Outros passaram a última das fronteiras: a superfície de um rio, ou o mergulhar no ácido das drogas pesadas. Era o que estava prestes a suceder com o Pedro, quando o João o encontrou, caído na cave de um bar.

Exangue, com um olhar manso, implorou ao João que lhe injectasse a droga nas massacradas veias. Em desespero, o João fez a seringa em pedaços. E implorou:

*- Pedro, pára enquanto é tempo! E deixa andar o barco. Um dia, ele há-de encalhar...*

Chamou uma ambulância. Acompanhou o Pedro ao hospital. Mas, quando o deixou, estava quase certo de que a morte lhe iria levar mais um amigo.

A vida fê-los percorrer diferentes caminhos. O João passou à clandestinidade, na oposição ao regime ditatorial. E não mais voltou a ver o Pedro.

Decorridos vinte anos, viajou até Paris. Enquanto lia as inscrições nas paredes do Arco do Triunfo, entretinha os ouvidos em conversas de gentes de origem diversa, numa multiplicidade de idiomas que nem tentava decifrar. Subitamente, num português com sotaque francês, uma voz familiar fê-lo voltar-se:

*Deixa andar o barco. Um dia, ele há-de encalhar ...*

Por detrás de um rosto burilado por muitos anos e duras experiências, reconheceu o olhar manso do seu amigo Pedro. Abraçaram-se em silêncio. Choraram em silêncio. Haverá palavra, numa qualquer língua, que faça sentido ser dita, quando se saboreia o resgate de uma vida?

E assim ficaram, sorrindo, longos e saborosos instantes. Depois, desceram a avenida, conversando, como se fora há vinte anos... O Pedro passara longos meses lutando contra a tentação do regresso à heroína, agarrado a uma frase que usava como âncora: *Deixa andar o barco. Um dia, ele há-de encalhar.* Andara por hospitais e clínicas de recuperação de toxicodependentes. Refizera a vida. Casara com uma cidadã francesa. Tinha dois filhos. Considerava-se uma pessoa feliz.

Quando regressou de férias, o João vinha mais atento a fronteiras e oportunidades. Mais ou menos por essa altura, Lucas já contava doze anos de idade. Foi transferido para a escola do professor João.

Na escola de onde viera, tinha passado seis anos no fundo da sala, sem sair da primeira classe. Estava rotulado de autismo, imaturidades e atrasos vários, como escrevera a psicóloga no relatório. Também enfermava de epilepsia e incontinência urinária.

Com persistência e trabalho de equipa, os professores da escola do João foram montando cerco a um Lucas relutante de contacto, ou sequer de ténues aproximações.

Durante semanas, foi impossível passar a fronteira que bordejava o círculo vazio que o Lucas a todos impunha. Até que, certa manhã, o professor João se apercebeu do interesse do Lucas por uma revista que estava lendo, e deixou-a sobre a mesa. O Lucas logo a apanhou e foi sentar-se no canto da sala.

Absorvido pelo conteúdo da revista, não deu pela aproximação do professor, que se sentou ao seu lado, e o sossegou. Disse-lhe que poderia ficar com a revista, se a quisesse. Aquietado, o Lucas pousou o dedo indicador sobre a legenda da fotografia de um carro.

*Queres saber o que está aí escrito?*

O Lucas não respondeu. Mas o professor João leu a legenda: *Ford*.

O Lucas deslocou o dedo para a legenda da gravura ao lado.

*Queres saber o que está aí escrito?*

O Lucas acenou com a cabeça. E o professor disse: *Peugeot*.

De gravura em gravura, o João foi ditando ao Lucas: *Nissan, Renault, Volvo, Toyota...*

O Lucas, que, ao cabo de seis anos, nem o seu nome escrito conseguia reconhecer, aprendeu a ler e a escrever... em três meses. Pelo método global de palavras, como é de ver... Aprendeu a ler e a escrever em português, mas também em inglês, em francês, em alemão, em sueco. e até mesmo em japonês! ...

Não se pense que eu defendo o espontâneo e o improvisado na aprendizagem. Apenas apelo à atenção e à sensibilidade dos educadores. Peço-lhes que saibam identificar fronteiras. Mas que também saibam gerar e gerir oportunidades.

## Reencontros

Insisto em contar ao Marcos histórias que o desgaste da memória ainda não apagou. Falo-lhe dos primeiros tempos de uma viagem em busca de uma Escola mais fraterna. Descrevo episódios luminosos, poupando o Marcos a relatos de ignomínias, pois o meu neto há-de chegar a descobrir por si próprio e a seu tempo, que os maravilhosos seres humanos também são capazes da perfídia e da maldade. Explico-lhe como, perante as contrariedades e insucessos, nos agarrávamos aos livros como a bóias salvadoras. Nos momentos mais críticos, quando a vontade de desistir era imperativa, evitávamos o naufrágio, relendo-os, para percebermos onde nos teríamos enganado na interpretação dos mapas que nos levariam à praia prometida.

Só não sabíamos que toda a viagem tem regresso. Que o barco que parte não é o mesmo que regressa, mas regressa. Que a vida é toda ela reencontro. Que somos um pouco de cada ser que encontramos na viagem. Que há seres viajando ao nosso lado, noutras viagens. E que até os mortos queridos vão a par, quando ousamos contrariar ventos predominantes. Se alguém não acredita, que medite no que vou contar.

Foi numa São Paulo frenética, num fim de tarde, enquanto viajava de carro entre dois aeroportos. O motorista era conversador e de fala fluente. E a conversa (ou melhor, o monólogo) arrancou ao mesmo tempo que a viatura.

Pensava eu ter de aguentar a costumeira conversa sobre o tempo que fazia... Mas enganei-me, pois o motorista falou-me da sua infância no Nordeste. Contou-me histórias de fome e abandono. Sendo o mais velho de dez irmãos, foi empurrado, bem precocemente, da escola para o trabalho duro. Já adulto, aprendeu a ler, tirando dúvidas com os que partilhavam o jornal do botequim do bairro. Até aqui, nada de novo, se pensarmos ser esta história igual a tantas outras histórias de exclusão de negros, de negros quase-brancos e de brancos quase-negros... Mas o melhor estava para vir. A certa altura do monólogo, parámos nuns semáforos. Um bando de meninos de rua mostrava habilidades malabaristas. O motorista comentou, num brasileiro que adapto para português de Portugal, com prejuízo da perda do ritmo e da doçura da fala:

- *“Veja o senhor ao que chegou este país! Estes meninos não deveriam estar na escola?”*

Compreendi que aquela era uma pergunta retórica, pois nem sequer tive tempo para ensaiar a resposta.

– *“Mas eu imagino que tenham razões para não ir. E acredite que não será só por necessidade. Eles não gostam mesmo de ir à escola. A escola não lhes diz nada. Eu sei que é assim, porque o mesmo se passou comigo. Quando era da idade deles, empurraram-me para fora da escola. Mas eu também quis sair. Apreendi a ler por necessidade. Não foi a escola que me ensinou”*.

Assenti com um aceno a que não deu atenção. E foi enunciando autores seus preferidos. Gosto eclético, que ia da literatura de cordel aos clássicos. Até que atirou nova pergunta retórica:

- *“O senhor sabe o que faz a minha mulher?... É professora! Quando nos casámos, ela já tinha estudos, mas quis tirar um curso. Só tinha um problema: não gostava de ler. E eu fiz um trato com ela. Ela passava a fazer as contas do meu serviço e eu ajudava-a a tirar o curso”*.

Eu ia perguntar como tinha sido concretizado o contrato, mas não foi preciso, que a resposta sem pergunta veio de imediato:

- *“A minha mulher trazia livros para eu ler. À noite, eu lia. E explicava à minha mulher o que vinha nos livros. Ela fazia as provas e ficava aprovada. E, assim, fez o curso de professora”*.

Esbocei um sorriso, entre o espanto e a admiração. E ele reatou a conversa, falando de autores que havia lido: Freinet, Montessori, Dewey, Piaget... E rematou a conversa, por estarmos a chegar ao nosso destino:

- *“Para o senhor deve ser difícil compreender o que lhe vou dizer, porque são assuntos da Pedagogia, da Educação... compreende?”*

Não retorqui, e ele concluiu, dizendo:

- *“Quando li os livros do Paulo Freire, que é um educador do meu país de que o senhor talvez já tenha ouvido falar, é que eu entendi o mal que algumas escolas fazem a certas crianças. E até me deu vontade de chorar”*.

Talvez nunca aquele motorista venha a saber o quanto me comoveu a sua história. Talvez nunca possa manifestar-lhe a minha gratidão, porque não o pude fazer, naquele momento. O nó que eu senti na garganta ameaçava desatar-se...

No decurso das nossas vidas, há dias assim, prodigiosos. Acabo de receber uma chamada telefónica. Seria idêntica a muitas outras, um convite para fazer uma palestra sobre a Ponte. Mas a minha memória acendeu-se, ao escutar o nome da pessoa que me falava do outro lado da linha. Ousei perguntar se seria filha ou familiar da professora Isabel Pires. A minha interlocutora respondeu que era ela mesma, a Isabel em pessoa.

Na década de 70, sem que a Isabel o soubesse, foi uma sua obra que iluminou os caminhos da aprendizagem da matemática de muitas gerações de alunos da Ponte.

Encontrei a Konstance Kamii, professora do Alabama, num aeroporto estrangeiro, quando regressava de um congresso, onde (coincidência?) fui falar da Ponte. E agradecei-lhe um contributo que ela ignorava ter dado. Foram os seus estudos sobre autonomia, a partir dos contributos de Piaget, que sustentaram o quanto basta de teoria, nos primeiros tempos do nosso projecto.

Volvidos trinta anos, quando a barca de sonhos chega ao seu primeiro porto e se apronta para nova viagem, começo a coabitar com um Mistério a que não dou nome. Há algo cuja existência a minha razão sempre rejeitou. Os projectos (conhecidos ou ainda anónimos), que visam resgatar a vocação da Escola, não seguem sempre rumos paralelos. Súbitos reencontros nos mostram que esses projectos também se alimentam de ocultas solidariedades. Será verdade que andam anjos pela Terra?